

CLÁSSICOS
DE BOLSO



ARISTÓFANES
MENANDRO

A PAZ
•
O MISANTROPO

Tradução do grego, introdução e notas
Mário da Gama Kury



Aristófanes * Menandro

A Paz

*

O Misanthropo

Tradução do grego, introdução e notas
Mário da Gama Kury

Introdução

Mário da Gama Kury

Apesar de a comédia haver sido praticada em várias regiões do mundo cultural grego (na Megárida, na Sicília com Epicarmo, em Sicione), foi em Atenas que o gênero, como quase todos os que hoje constituem o patrimônio intelectual do Ocidente, atingiu a maturidade. E em Atenas o desenvolvimento da comédia esteve intimamente ligado às vicissitudes políticas pelas quais passou o centro literário da Grécia.

Com efeito, o florescimento da Comédia Antiga coincidiu com o período áureo da preponderância política dos atenienses (458 a 404 antes de Cristo), época em que o culto da liberdade criou uma democracia quase perfeita em teoria, embora na prática distasse muito do ideal. Finda a guerra do Peloponeso e instaurado o domínio da Lacedemônia, seguiu-se um período em que somente a forma da democracia subsistia, mas não a sua essência, o seu espírito (404 a 340 a. C. , ano em que Filipe da Macedônia passou a dominar a Grécia). A este período corresponde a Comédia Intermédia, que alguns historiadores da literatura grega não distinguem como época definida, mas como início, ainda impreciso, da Comédia Nova (340 a 260 a. C). Esta última coincidiu com a extinção completa da liberdade dos gregos, já sob a hegemonia macedônica.

Como decorrência das condições sob as quais floresceu, a Comédia Antiga era preponderantemente política. Todos os aspectos pertinentes aos interesses políticos e sociais dos atenienses constituíam assunto para ela: vida pública, religião e moral tradicionais, conflitos sociais, a paz, a guerra. Ela perfazia as funções de censor público e os poetas cômicos gozavam da mais completa liberdade de expressão, que ia aos últimos extremos nos ataques pessoais aos homens públicos. A comédia era, de certo modo, a imprensa da época. A propósito, observa-se um paradoxo digno de menção: embora a Comédia Antiga só tenha podido subsistir sob o regime democrático, seus autores opunham-se sistematicamente à democracia e a seus líderes. Péricles, por exemplo, foi uma das vítimas preferidas dos comediógrafos, que não o pouparam, apesar da valiosa contribuição desse grande estadista à evolução política da Grécia. E essa

comédia morreu defendendo um dos bens mais caros aos homens em todos os tempos — a Paz.

Já a Comédia Intermédia, curvando-se às novas contingências, teve de abandonar os assuntos políticos e dedicar-se a paródias de histórias míticas, à sátira aos sistemas filosóficos, à instabilidade da fortuna, aos assuntos gastronômicos, enfim a temas inocentes aos olhos dos políticos elevados ao poder após a derrota de Atenas.

Finalmente a Comédia Nova voltou-se com exclusividade para a vida privada, para a intimidade dos cidadãos, para os aspectos mais prosaicos da existência, para o amor, os prazeres da vida, as intrigas sentimentais. Foi o período de criação de tipos famosos até hoje na comédia: o jovem apaixonado, a cortesã, o criado alcoviteiro, o parasita e outros.

Mas não era apenas no assunto que as comédias das três épocas diferiam; era também na forma. A linguagem da Comédia Antiga era a mais livre e desabrida possível, não recuando diante do pornográfico e do escabroso. Na Comédia Intermédia essa ousadia se atenuou em todos os sentidos e na Comédia Nova tomou-se comportada, comedida; somente em situações e entre personagens bem definidas era usada linguagem mais ousada. Na Comédia Antiga o autor dirigia-se ao público em seu próprio nome, para censurá-lo, para dar sua própria opinião sobre fatos e pessoas, da maneira mais direta e contundente, a certa altura da peça, na parábase. E o Coro desempenhava papel relevante, interferindo na ação. Na fase intermédia a parábase desapareceu e o coro ficou reduzido a quase nada, limitando-se, na Comédia Nova, a simples evoluções coreográficas para marcar os intervalos correspondentes aos entreatos nas peças atuais. Os versos da Comédia Antiga, apesar da linguagem estritamente popular em que eram escritos, apresentavam-se mais elaborados e nas partes corais se revestiam, muitas vezes, de apreciável lirismo. Na Comédia Intermédia passou-se a ligar mais ao enredo que à forma e essa tendência tomou-se ainda mais nítida na Comédia Nova, cuja linguagem em a mais simples possível, a do cotidiano (Cícero, no livro IV, capítulo 11 da República, definiu a Comédia Nova como *imitationem vitae, speculum consuetudinis, imaginem veritatis*).

A quantidade de comédias escritas nessas três épocas foi impressionantemente elevada. As fontes mais autorizadas mencionam 365 no período da Comédia Antiga, 800 na Intermédia e somente os sete principais poetas dentre os 64 da Comédia Nova compuseram cerca de 400 peças (das quais Menandro teria escrito 108).

De toda a produção dos quase 60 poetas da Comédia Antiga chegaram até

nós 11 das 44 comédias compostas por Aristófanes: Os Acarnenses, os Cavalheiros, as Vespas, as Rãs, as Nuvens, as Aves, Lisístrata, Tesmoforiazusas, a Paz, Ecclesiazusas (A Revolução das Mulheres) e Pluto. Dessas, as Ecclesiazusas e Pluto pertencem à Comédia Intermédia por sua forma e fundo. Dos outros poetas e das restantes 33 comédias de Aristófanes só conhecemos fragmentos. Os principais poetas dessa fase, além de Aristófanes, foram Cratino, Êupolis, Magnes, Ferécrates, Frínico, Platão, Susaríão.

Dos poetas da fase intermédia não chegou até nós uma única peça íntegra; somente sobreviveram fragmentos, numerosos mas curtos, citados por escritores contemporâneos e posteriores, principalmente Ateneu (fim do Século II e princípio do Século III depois de Cristo) em sua obra Deipnosophistas. Os poetas mais importantes dessa fase foram Alexis, Anaxandrides, Antífanes, Êubulo.

Da Comédia Nova não nos restavam até há pouco tempo senão fragmentos, dos quais os principais, constantes das comédias, de Menandro, Os Árbitros, A Moça de Samos, A Moça de Cabelos Cortados e O Herói, foram descobertos depois de 1905, em papiros egípcios infelizmente mutilados. Somente em 1958 foi descoberta a primeira peça completa da Comédia Nova: "O Misanthropo" (Dyskolos) de Menandro, conservada num papiro escrito no Século III depois de Cristo. Publicada em 1958 por Victor Martin (Papyrus Bodmer IV. Menandre: Le Dyscolos. Cologny-Genève, biblioteca Bodmeriana), a editio princeps do "Misanthropo" foi o fato mais importante da filologia clássica no Século XX até agora. Dezenas de edições e traduções seguiram-se num ritmo vertiginoso na Inglaterra, França, Holanda, Alemanha, Itália. Centenas de trabalhos sobre a peça foram publicados em revistas filológicas de todo o mundo, comemorando a satisfação de um desejo acalentado havia muito tempo pelos cultores das letras clássicas, inconformados com a perda da obra de um dos autores mais elogiados por seus contemporâneos e pósteros.

De fato, Menandro (nascido em Atenas em 343/342 a. C. e morto em 292/291) foi endeusado desde sua época e só cedia o primeiro lugar na preferência dos letrados a Homero. Até o Século V d. C. Menandro era lido e comentado em todo o mundo civilizado de então, desde o Egito até os confins ocidentais do Império Romano, por cristãos e pagãos (Sidônio Apolinário, bispo de Auvergne em 472 d. C., traça um paralelo entre o "Epitrêpontes" de Menandro e a "Hecyra" de Terêncio). O famoso gramático bizantino Aristófanes (257 a 180 a. C.), pergunta num epigrama famoso:

“Menandro e Vida! Qual de vós imita o outro?”

É compreensível, portanto, o alvoroço causado pela ressurreição do Misanthropo.

Não nos consta que o Misanthropo já tenha sido traduzido para o português. É, pois, com natural emoção, que colocamos à disposição do público brasileiro, pela primeira vez, esta peça de Menandro, encenada entre 317 e 315 a. C., em Atenas, e que, apesar de ignorada durante mais de um milênio, ressurgiu agora fresca como se estivesse acabando de ser composta, graças à prodigiosa arte do maior poeta da Comédia Nova, tão vivo quanto a própria vida, segundo o epigrama citado pouco acima.

Mas voltando a Aristófanes (nascido em Atenas em 455 a. C. e morto em 375) e à Paz (encenada pela primeira vez em 421 a. C.), que representa a Comédia Antiga nesta comparação que ora entregamos ao público, cremos que o desabrido poeta contemporâneo de Sófocles, de Eurípides, de Sócrates, de Platão, não perde para o requintado Menandro, contemporâneo e amigo de Epicuro. Alán de extraordinário comediógrafo, Aristófanes foi um grande lutador pela causa da paz e muitas de suas peças (especialmente a que apresentamos a seguir) são o testemunho imortal dessa dedicação exemplar à concórdia entre todos os povos. Composta no auge da guerra do Peloponeso, quando atenienses e lacedemônios se exterminavam em luta fratricida que envolvia todos os povos da Grécia, a Paz, além de seu alto valor cano teatro e poesia, é um documento vivo da insensatez dos homens, empenhados naquela época, cano hoje, em matarem-se, ao invés de irmanarem-se para uma vida melhor. Talvez não seja mesmo válido comparar-se estilos diferentes, formas tão diversas. Melhor será apreciar-se cada poeta e cada peça dentro do quadro de sua época e de suas motivações, pois não teria sentido insistir em dar a vitória a um ou a outro poeta se os dois são igualmente grandes. A palavra final caberá ao leitor.

*

Esta é a segunda tentativa que fazemos para traduzir Aristófanes. Em 1964 a

“Editora Civilização Brasileira S.A.” publicou nossa tradução e adaptação da Revolução das Mulheres (Eclesiazusas) e da Greve do Sexo (Lisístrata). Agora é a vez da Paz.

A facilidade de Aristófanes é uma ilusão provocada pela vivacidade e naturalidade de sua linguagem e pelo brilho de sua inteligência. As inúmeras alusões a fatos e pessoas da época e os jogos de palavras, que se traduzidos literalmente não teriam qualquer significação para o leitor ou espectador atual, levam o tradutor à tentação de adaptar (como na primeira tentativa) ou a recorrer a numerosas notas explicativas e a procurar equivalências, nem sempre possíveis e quase sempre difíceis. A parábase, por exemplo, não tem para o espectador ou leitor de hoje a mesma significação que lhe atribuía o público da época e numa encenação atual deveria ser eliminada. Seja como for, não poupamos esforços para transmitir ao leitor ou espectador uma impressão nítida do original, com suas qualidades e defeitos. Esse é o papel do tradutor. O julgamento cabe ao leitor e isso nos dispensa de adjetivar e justificar, exorbitando de nossa missão.

Já Menandro é menos difícil. Salvo uns poucos trechos em que o único papiro que nos resta apresenta lacunas, o Misanthropo é claro, vivido e apaixonado o tradutor, talvez pelas circunstâncias que envolvem a ressurreição da peça. Afinal não se traduz todos os dias, e pela primeira vez em português, uma comédia que por tanto tempo jazeu sepulta nas areias do Egito (salvo quanto a uns poucos e curtos fragmentos). E o entusiasmo é ainda maior por se tratar de Menandro, um nome que só agora adquire fundamento sólido — e condigno — para a idolatria que o envolvia.

Tanto na tradução de Aristófanes quanto na de Menandro omitimos os epítetos, e às vezes até os nomes de certas divindades, substituindo-os genericamente por “deus” ou “deuses”. A menção a Apolo, aos Dióscuros, a Demeter etc., tinha razão de ser quando o público acreditava neles. Hoje, em se tratando de comédias, não parece haver mal em relegá-los às notas ou mesmo eliminá-los. O mesmo critério revisionista se aplica, às vezes, aos nomes de pessoas, pássaros, plantas, cidades e povos, familiares e expressivos para o público da época mas totalmente indiferentes ao espectador ou leitor de hoje. Nas notas, todavia, explica-se a eventual substituição ou omissão.

Os versos da comédia grega foram compostos em linguagem popular e reproduzem o modo de falar da gente da época, sua gíria, seus trocadilhos, seus gracejos. Era linguagem viva e como tal deve ser traduzida. Transformá-los em português “certinho”, tal como não se fala entre o povo, seria uma traição ao espírito do original e queremos ser mais tradutor que traidor.

Não se pense que as obscenidades e a rudeza da linguagem, em certos trechos, são colaboração nossa. Ao contrário, às vezes procuramos atenuá-las um pouco, diante da crueza de certas expressões de gosto hoje duvidoso. Mas procuramos trair o menos possível.

Antes de entregar o leitor a Aristófanes queremos traduzir um epigrama de Platão, o filósofo contemporâneo do comediógrafo:

“As Graças procuravam um altar eterno;
Acharam-no na inteligência de Aristófanes.”

Aristófanes

A Paz (*)

() Título do original Grego: “ΕΙΡΗΝΗ”*

Personagens

Dois ESCRAVOS DE TRIGEU

TRIGEU

FILHA DE TRIGEU

HERMES

A GUERRA A DESORDEM

CORO DE LAVRADORES

HIÉROCLES (adivinho)

FABRICANTE DE FOICES

FABRICANTE DE PENACHOS

FABRICANTE DE COURAÇAS

VENDEDOR DE CLARINS

FABRICANTE DE CAPACETES

FABRICANTE DE LANÇAS

PRIMEIRO MENINO (filho de Lâmaco) SEGUNDO MENINO (filho de Cleônimo)

Personagens Mudos Gregos de diferentes cidades

Lâmaco

A Paz

A Abundância A Alegria
Um Senador

Primeira representação da peça: 421 antes de Cristo, em Atenas.

Época da ação: aproximadamente a mesma da primeira representação.

Resumo da Peça

Trigueu, lavrador que vivia em um lugarejo da Ática do cultivo de suas vinhas, resolve subir ao céu, montado num escaravelho, para perguntar aos deuses a causa dos males que afligiam a Grécia, às voltas com interminável guerra fratricida. No céu ele encontra apenas Hermes; os demais deuses haviam-se retirado para regiões ainda mais altas do firmamento, resolvidos a não mais presenciar a discórdia que levava os gregos ao extermínio. Hermes, a princípio relutante, resolve responder às perguntas de Trigueu, que explora a gula do deus remanescente; mostra-lhe a Guerra personificada, disposta a pulverizar as cidades gregas em um imenso pilão, enquanto a Paz permanece prisioneira no fundo de uma caverna, cuja entrada está obstruída por grandes pedras. Trigueu quer libertar a prisioneira a todo custo. Para isso convoca os trabalhadores de todas as regiões da Grécia, gente do campo, os mais sacrificados com a guerra. Depois de muitos esforços conseguem libertar a prisioneira e com ela voltam aos gregos a abundância e a alegria. Somente os fabricantes de armamentos não compartilham do contentamento geral, pois o fim da guerra os arruína. A peça termina com o casamento de Trigueu e da Abundância, companheira da Paz.

Cenário:

(À direita, a casa de TRIGEU; no centro, a entrada de uma caverna fechada por grandes pedras; à esquerda, a morada de Zeus)

PRIMEIRO ESCRAVO

Depressa! Depressa! Traga o bolo para o escaravelho! (1).

SEGUNDO ESCRAVO

Pronto.

PRIMEIRO ESCRAVO

Dê o bolo a este inseto maldito!

SEGUNDO ESCRAVO

Nunca mais ele vai comer outro bolo melhor.

PRIMEIRO ESCRAVO

Dê mais um, feito de estrume de burro.

SEGUNDO ESCRAVO

E está aqui outro.

PRIMEIRO ESCRAVO

E onde está o que você tinha trazido agora mesmo? Será que ele já devorou?

SEGUNDO ESCRAVO

Claro! Ele revirou o bolo com as patas e engoliu de uma vez.

PRIMEIRO ESCRAVO

Então faça outros depressa, e bem amassados.

SEGUNDO ESCRAVO

Pelo amor dos deuses, limpadores de latrinas! Me socorram se não quiserem que eu morra sufocado!

PRIMEIRO ESCRAVO

Mais! Mais! Peça a um pederasta! O escaravelho disse que gosta bem espremido.

SEGUNDO ESCRAVO

Pronto. Ao menos fico livre da suspeita de comer a massa do bolo enquanto preparo ele.

PRIMEIRO ESCRAVO

Que fedor! Mais! Mais! Mais! Não pare de espremer!

SEGUNDO ESCRAVO

Não posso mais! Já não consigo suportar esse fedor de latrina.

PRIMEIRO ESCRAVO

Vou entrar e levo a latrina comigo.

(O primeiro escravo entra com o escaravelho)

SEGUNDO ESCRAVO

Leve ela para o inferno e vá com ela!

(Dirigindo-se aos espectadores)

Me diga, quem souber, onde eu posso comprar um nariz sem buracos. Não conheço trabalho mais horroroso que esse de espremer comida para um escaravelho. Um porco ou um cachorro engolem sem luxinhos os nossos excrementos, mas esse bicho aí se faz de dengoso e não quer comer nada a não ser que eu tenha passado o dia todo amassando os bocados, como se fosse para uma mulherzinha muito delicada! Mas vamos ver se ele já parou de comer; vamos abrir a porta só um pouquinho para ele não notar a minha presença.

(O segundo escravo entreabre a porta)

Coma! Empanturre-se de comida até estourar! Com que gana esse bicho maldito devora a comida! Ele mexe o queixo sem parar, como um lutador mexe com os braços. Mexe a cabeça e as patas como um fabricante de cordas para barcos. Bicho feio, fedorento e guloso! A que deus é ele consagrado? Não tenho certeza, mas penso que não há de ser a Afrodite nem às Graças (2).

PRIMEIRO ESCRAVO
A que deus, então?

SEGUNDO ESCRAVO

Só se for a Zeus merdejante (3).

PRIMEIRO ESCRAVO

Você ainda não ouviu algum espectador, algum rapazola convencido, perguntar: “Que negócio é esse? Para que esse escaravelho?” E um vizinho dele responde: “Se não me engano, aquele político sujo anda metido nisso; dizem que ele comia imundície” (4). Mas eu vou entrar para dar de beber ao escaravelho.

SEGUNDO ESCRAVO

E eu vou explicar o caso às crianças, aos homenzinhos, aos homens feitos, aos homens desfeitos, aos que já viveram demais. Meu patrão está com uma mania esquisita. (Não é essa de vocês, não!) (5). É outra mania, completamente nova. O dia todo, com os olhos erguidos para o céu, ele se queixa a Zeus e diz: “Ah! Zeus! Que é que você pretende fazer? Pare com essa vassoura! Não varra a Grécia da face da terra!” Atenção! Silêncio! Parece que estou ouvindo a voz dele!

TRIGEU

(Sem ser visto)

Ah! Zeus! Que é que você pretende fazer com os atenienses? Você não se incomoda de estar despovoando nossas cidades?

SEGUNDO ESCRAVO

É essa a mania de que eu estava falando. Agora vocês tiveram uma amostra da loucura dele. Mas eu quero contar a vocês as coisas que ele disse no primeiro acesso de doença: “Por que é que eu não posso ir direto a Zeus? Depois, fazendo pequenos degraus, subia por eles com os pés e as mãos, “para escalar os céus”; até que ele caiu no chão e quebrou a cabeça. Mas ontem ele foi não sei onde e voltou para casa com um escaravelho enorme, indócil como um cavalo da Sicília (6), e fez de mim o tratador do tal bicho. Ele acaricia o escaravelho com a mão, como se fosse um potro: “Meu Pegasozinho! ” (7) diz ele. “Generoso voador, me leva direto a Zeus de um arranco só!” Mas vamos olhar por esta fresta para ver o que ele está fazendo.

(Olha)

Ah! Infeliz! Socorro, vizinhos! Socorro! Meu patrão está subindo desabaladamente pelos ares, cavalgando um escaravelho!

TRIGEU

(Montado no escaravelho)

Vamos devagar, não precisa exagerar no entusiasmo! Não comece voando tão depressa assim; espere esquentar e desembaraçar as juntas com o bater das asas. E faça o favor de não largar mau cheiro em mim; se for para isso é melhor você ficar em casa.

SEGUNDO ESCRAVO

O senhor está delirando, patrão!

TRIGEU

Silêncio!... Silêncio!...

SEGUNDO ESCRAVO

Aonde o senhor vai? O senhor vai-se perder aí pelo céu.

TRIGEU

(Em tom solene)

O interesse dos gregos orienta meu vôo e preside meus ousados planos!

SEGUNDO ESCRAVO

Por que o senhor está voando? Que maluquice é essa?

TRIGEU

Não diga palavras de mau agouro! Fale coisas otimistas e dê berros de alegria! Mande todo mundo se calar, cobrir as latrinas com telhas novas e arrolhar os intestinos (8).

SEGUNDO ESCRAVO

Eu não me calo antes de o senhor dizer para onde está voando.

TRIGEU

Para onde havia de ser? Para o céu, lá para onde está Zeus.

SEGUNDO ESCRAVO

E para quê?

TRIGEU

Rara saber o que ele pretende fazer dos gregos todos.

SEGUNDO ESCRAVO
E se ele não disser?

TRIGEU

Eu vou mover uma ação contra ele por trair os gregos em benefício dos persas (9).

SEGUNDO ESCRAVO

Essa não! (10) O senhor não vai fazer isso enquanto eu estiver vivo!

TRIGEU

Não pode ser de outra maneira.

SEGUNDO ESCRAVO

(Dirigindo-se às FILHAS DE TRIGEU)

Meninas! O pai de vocês está indo embora! Ele vai sozinho para o céu, de fininho! Tentem dar um jeito nele, coitadinhas!

(Aparecem as FILHAS DE TRIGEU)

UMA DAS FILHAS

Papai! Papai! “Tem fundamento esse rumor ouvido em nossa casa?” (11).

Você nos abandona para se misturar com os pássaros, até com os corvos, rápido como o vento? É verdade? Diga, papai, se você gosta um pouquinho de mim!

TRIGEU

(Solene)

“Pode-se presumir, crianças.” (11-A) O certo é que eu sofro quando vocês pedem pão, chamando-me de papai, e não tenho em casa nem mesmo um níquel. Se eu for bem-sucedido e conseguir voltar, vocês quando quiserem terão um pastelão e ainda levarão... uma bolacha! (11-B).

UMA DAS FILHAS

Mas como é que você vai fazer a viagem? Não há barcos para levar você por esse caminho.

TRIGEU

Um potro alado me conduzirá. Eu não vou embarcar.

UMA DAS FILHAS

Que idéia foi essa de arranjar um escaravelho para ir à morada dos deuses?

TRIGEU

Eu descobri nas fábulas de Ésopo (11-C) que o escaravelho foi o único bicho voador que conseguiu chegar até os deuses.

UMA DAS FILHAS

Papai! Papai! Essa estória de um bicho tão malcheiroso ter chegado até os deuses é muito forte...

TRIGEU

Ele chegou até lá por causa do ódio que sentia pela águia, há muito tempo, e fez rolar do céu abaixo os ovos dela para se vingar.

UMA DAS FILHAS

Você devia ter arranjado um Pégaso para aparecer diante dos deuses com um ar mais trágico (11-D).

TRIGEU

Mas minha doçura, assim eu teria de levar um farnel duplo. Agora a própria comida que eu engolir vai servir de alimento para minha montaria...

UMA DAS FILHAS

(Em tom solene

Mas se ele se precipitar nas profundezas dos líquidos abismos, como poderá sair de lá, sendo uma criatura alada?

TRIGEU

Eu tenho aqui, de propósito, um timão para usar se for preciso; meu escaravelho viraria uma es... caravela (12).

UMA DAS FILHAS

E em que porto você poderia entrar montado nesse barquinho?

TRIGEU

Eu acho que no Pireu há um porto escara... Velho (13).

UMA DAS FILHAS

Cuidado para não escorregar e despencar lá de cima; depois você vai ficar mancando e pode servir de personagem para Eurípides, virando tragédia (14).

TRIGEU

Eu vou ter cuidado com tudo isso. Vamos! Adeus!

(As FILHAS DE TRIGEU se retiram)

TRIGEU

(dirige-se aos espectadores)

É por vocês que vou correr esses riscos todos; então apertem-se durante três dias, pois se este bicho sentir o cheiro disso que vocês não vão fazer ele se despenca comigo de cabeça para baixo para se banquetear.

(Dirigindo-se ao escaravelho)

Vamos, Pégaso, avance alegremente, chocalhando seus arreios de rédeas douradas, feliz da vida, com as orelhas levantadas! Que é que você está fazendo? Que é isso? Por que você está baixando o focinho para o lado daquelas ruas sujas? Afaste-se de uma vez da terra! Depois, soltando suas asas rápidas, vá direto à corte de Zeus, desviando as ventas dos excrementos, das comidas que você papa todos os dias...

(Dirigindo-se a alguém embaixo)

Ei! Você aí, meu chapa! Que idéia é essa de se espremer aí perto dos bordéis do Pireu? Você me mata! Você me mata! Por que você não sai daí já, cobre tudo isso com um montão de terra, planta uma roseira em cima (15) e encharca tudo de perfume? Se eu cair daqui e me esborrachar, minha morte vai custar muito dinheiro (16) à cidade de Espremadura (17) por culpa de seu traseiro!

(O escaravelho, que ia subindo, começa a baixar)

Que medo! (E agora eu não estou falando para fazer graça!) Maquinista! Cuidado! Eu já estou sentindo um ventinho na altura do umbigo e se você não

tomar cuidado eu vou dar comida agora mesmo ao escaravelho!... (18) Mas parece que já estou perto dos deuses; ali deve ser a casa de Zeus.

(O escaravelho pára diante da porta da casa de Zeus)

Quem é que toma conta da porta de Zeus?

(Bate repetidamente à porta)

Como é? Você não vai abrir?

HERMES (19).

(De dentro)

Que cheiro de gente é esse?

(Abrindo a porta)

Essa não! Que negócio é esse?

TRIGEU

Um escara... valo (20).

HERMES

Canalha! Atrevido! Sem vergonha! Canalha! Canalha mesmo! Supercanalha! Como é que você subiu até aqui, o mais canalha dos canalhas? Como é o seu nome? Você não diz nada?

TRIGEU
Supercanalha.

HERMES

De onde você é? Diga!

TRIGEU
Supercanalha.

HERMES

Quem é seu pai?

TRIGEU

O meu? Supercanalha.

HERMES

É assim? Pois você vai morrer sem escapatória se não disser o seu nome!

TRIGEU

Trigeu Atmoneu (21), vinhateiro competente. Não sou delator nem fanático por política (22).

HERMES

E o que é que você veio fazer aqui?

TRIGEU

(Mostrando um embrulho)

Trazer este pedaço de carne para você.

HERMES

(Mudando de tom)

Coitadinho!... E como foi que você conseguiu chegar?

TRIGEU

Guloso! Agora eu já não sou supercanalha. Então vá chamar Zeus que é com ele que eu quero falar.

HERMES

(Rindo)

Ha! Ha! Ha! Você ainda não está perto dos deuses. Eles foram embora; mudaram-se ontem.

TRIGEU

Para que lugar da terra?

HERMES

Como? Da terra?

TRIGEU
Onde, então?

HERMES

Longe às pampas. Lá no cocuruto da abóbada celeste.

TRIGEU

E como é que eles deixaram você sozinho aqui?

HERMES

Eles estavam por conta com os gregos e puseram a Guerra aqui, onde eles costumam ficar, entregando vocês todos a ela para ela fazer de vocês o que bem entender. Eles se mandaram para as maiores alturas possíveis, a fim de não ver vocês lutarem uns contra os outros e para não ouvirem nem o zunzum das súplicas de vocês.

TRIGEU

Por que eles nos tratam assim? Por quê?

HERMES

Porque vocês preferiram a guerra, apesar de eles terem oferecido a vocês tantas oportunidades de trégua. Os lacônicos (23) quando levavam vantagem diziam: “Pelos deuses! (24). Agora esses fulanos da Ática nos pagarão!” (25). Se vocês, os aticônicos, (26) conseguiam uma vitória e os lacônios vinham falar em paz, vocês diziam logo: “Pela deusa! (27) Estamos sendo tapeados! Sim, por Zeus! (28) não devemos dar atenção a eles! Se conservarmos Pilos (29) em nosso poder eles voltarão!”

TRIGEU

Foi isso mesmo... Era assim que nós falávamos...

HERMES

Por essas e outras não sei se vocês ainda vão ver a Paz.

TRIGEU

Mas para onde ela foi?

HERMES

A Guerra trancafiou a infeliz numa caverna profunda.

TRIGEU

Em que caverna?

HERMES

Naquela ali embaixo. Você está vendo quanta pedra ela amontoou na entrada para impedir vocês de reconquistá-la?

TRIGEU

E você sabe o que é que a Guerra vai fazer conosco agora?

HERMES

Só sei uma coisa: ontem de noite ela pôs lá dentro uma enormidade de pilão.

TRIGEU

E o que é que ela vai fazer com esse pilão?

HERMES

Ela pretende reduzir as cidades a pó. Mas eu vou andando; ela não demora a aparecer.

(Ouvem-se estrondos dentro da gruta)

Ela vive estrondando lá dentro.

(Sai HERMES)

TRIGEU

Coitado de mim! Vou tratar de me salvar dela. Parece que também ouvi o barulho do pilão da Guerra.

(TRIGEU oculta-se num canto)

(A GUERRA entra com um enorme pilão)

GUERRA

Ah! Mortais! Mortais! Mortais muito desgraçados, como os queixos de vocês vão sofrer daqui a pouco!

TRIGEU

Deuses! (30) Que pilão! Que largura! Que horror! Que pinta a desta Guerra! É desta aí que temos de fugir, a terrível, a inflexível, que... está escorrendo pelas pernas...

(TRIGEU se acocora como se fosse satisfazer uma necessidade premente, provocada pelo medo)

GUERRA

Ah! Cidades que cheiram a alho! (31) Três vezes, cinco vezes, dezenas de vezes desgraçadas, de que forma vocês vão acabar hoje!

(A GUERRA joga os alhos no pilão)

TRIGEU

(Aos espectadores)

Isso ainda não é conosco, pessoal. Essa desgraça é para a Lacônia.

GUERRA

(Jogando mais alhos no pilão)

Ah! Cidades que produzem muito alho! (32) Como vocês vão ser piladas agora e reduzidas a picadinho!

TRIGEU

(Esfregando os olhos irritados pelo alho)

Essa não! Quantos motivos para choro, fortes e ardentes, ela jogou lá dentro!

GUERRA

(Jogando queijo no pilão)

Ah! Cidades produtoras de queijo! (33). Vocês também estão perdidas!

TRIGEU

Que cidades infelizes! Vão ser raladas!...

GUERRA

(Derramando mel no pilão)

Agora vamos derramar aqui um pouco de mel ateniense (34).

TRIGEU

(À parte)

Eu aconselho você a arranjar outro mel. Esse é muito caro! (35). Economize o mel ateniense!

GUERRA

(Gritando para dentro da caverna)

Desordem! Ó Desordem!

(Aparece a DESORDEM, saindo da caverna)

DESORDEM

O que é que a senhora quer, chefe?

GUERRA

Você vai gemer de tanto apanhar! Plantada aí sem fazer nada! Tome!

(Dá uns tapas na DESORDEM)

DESORDEM

Ai! Como arde! Coitada de mim, chefe!

TRIGEU

(À parte)

Será que ela pôs alho nos tapas?

GUERRA

Vá já buscar um pau de pilar para mim! Corra!

DESORDEM

Mas, chefe, não temos mais essas coisas aqui; todo mundo se mudou ontem.

GUERRA

Então corra e vá buscar um de alguém lá em Atenas. Depressa! Voando!

DESORDEM

Vou agorinha mesmo!

(À parte)

Senão vou gemer de tanto apanhar!

(Sai a DESORDEM)

TRIGEU

(À parte)

E agora? O que é que nós vamos fazer, coitadinhos? Vejam como a nossa situação é periclitante! Se ela voltar com o pau de pilar, a Guerra vai-se servir dele para esmagar as cidades à vontade. Ah! Deuses! (36). Fazei com que ela morra e não traga o que foi buscar!

GUERRA

(Dirigindo-se à DESORDEM que volta vagarosamente e sem jeito)

Ei! Você aí!

DESORDEM

O que é que há?

GUERRA

Você não trouxe?

DESORDEM

(Gaguejando)

O caso é o seguinte... Os atenienses perderam o pau de pilar deles, o vendedor de couros que estava acabando com a Grécia (37).

TRIGEU

(À parte)

Santos deuses! Que ótimo! Foi bom que ele morresse, e na hora exata para a cidade, se com isso nos livramos de virar picadinho!

GUERRA

Então vá procurar outro na Lacedemônia (38). Se mande!

DESORDEM

Está bem, cheia.

GUERRA
E volte já!

(A DESORDEM sai correndo)

TRIGEU

(Aos espectadores)

O que é que vai ser de nós, pessoal? Estamos num momento crítico. Vamos! Se algum de vocês tiver prestígio no além (39), é hora de fazer uma reza para na volta ela torcer o pé.

DESORDEM

(Voltando com um ar desolado)

Coitada de mim! Coitada e muitas vezes coitada!

GUERRA

O que é que há? Você ainda não trouxe?

DESORDEM

Acontece que os lacedemônios também perderam o pau de pilar deles.

GUERRA

Como, sua preguiçosa?

DESORDEM

Mandaram ele emprestado não sei para onde (40) e ele se perdeu por lá.

TRIGEU

Bem feito! Bem feito, deuses! (41). Talvez agora a situação melhore. Coragem, pessoal!

GUERRA

(Dirigindo-se à DESORDEM)

Pegue aquelas ferramentas ali e leve lá para dentro! Vou entrar e fazer um pau de pilar.

(Saem a GUERRA e a DESORDEM)

TRIGEU

(Aos espectadores)

Agora é hora de cantar uma música badalativa, balançando as mãos levantadas: (42) “Como é bom gozar! Hoje eu vou me esbaldar!” Gregos! Chegou a hora de libertar a Paz querida por todos, de nos livrarmos das brigas e combates, antes que outro pau de pilar apareça para atrapalhar! Vamos, lavradores e negociantes, artistas, operários, imigrantes, estrangeiros, ilhéus, venham todos para cá, povo de todos os lugares, o mais depressa possível, com picaretas, alavancas e cordas! Chegou a hora de ter juízo! (43).

(Entra o CORO, composto de lavradores atenienses, lacônios e de outras regiões da Grécia)

CORIFEU

Marchem todos por aqui fogosamente, diretos para a liberdade! Ajudemo-nos uns aos outros, gregos de toda parte, agora ou nunca! Chega de campos de batalha! Chega de uniformes militares! (44). Acaba de raiar o dia luminoso de que os traficantes de guerra não vão gostar! (45)

(Dirigindo-se a TRIGEU)

Se temos de fazer alguma coisa, fale e dirija a nossa missão. Não é preciso dizer que hoje estou decidido a não parar antes de libertar, com alavancas e guindastes, aquela que entre todas as deusas é a maior amiga de nossos vinhedos!

TRIGEU

Será que vocês não vão calar a boca? Cuidado, pessoal! Com essa alegria exagerada e com esses gritos vocês podem redobrar a fúria da Guerra lá dentro!

CORIFEU

Mas ouvindo uma convocação como esta nós temos de ficar alegres. Esta não nos manda trazer o rancho para a guerra (46).

TRIGEU

É, mas cuidado com a fera de triste fama (47) que agora jaz embaixo da terra!
Cuidado para que ele, alucinado e ululando como quando estava neste mundo,
não atrapalhe vocês na hora de trazer a deusa para fora da caverna!

CORIFEU

Agora ninguém vai poder separá-la de mim, quando ela estiver nos meus braços!

(Ensaiaando uns passos de dança)

Oba! Oba!

TRIGEU

Se vocês não querem me ver morto, meus chapas, parem com essa algazarra. Assim ela (48) vai sair de novo da caverna e amassar todo o mundo com os pés.

CORIFEU

Pois ela que faça confusão, sapateie, abagunce tudo! Hoje nós não podemos esconder nossa alegria.

TRIGEU

Que doença é essa que atacou vocês? Qual é o caso? Não vão estragar uma façanha tão bonita com essa badalação!

CORIFEU

Não sou eu que quero; são minhas pernas que começam a dançar sozinhas, sem eu sentir.

TRIGEU

Por enquanto basta. Chega de dança. Chega!

CORIFEU

Então veja: eu já parei.

TRIGEU

Você falou que parou mas não parou.

CORIFEU

Eu não parei? Dê licença só para um passinho e nada mais.

TRIGEU

Esse, vá lá, mas depois nada de dança.

CORIFEU

Se isso ajuda você, nós vamos parar de dançar.

TRIGEU

Mas vejam só! Vocês ainda não pararam!

CORIFEU

Só esse passo agora; uma pernada para a direita e aí nós paramos.

TRIGEU

Se vocês não me amolarem mais, eu deixo.

CORIFEU

Mas olhe aqui, com a esquerda também. Isso é mais forte do que eu. Quando estou alegre eu me esbaldo, peido, rio... Jogar as armas fora (49) é como jogar a velhice fora.

TRIGEU

Agora controlem essa alegria; vocês ainda não estão seguros de coisa alguma. Quando ela estiver em nossas mãos, aí então vocês poderão se esbaldar, gritar, gargalhar; vocês vão poder viajar, ficar parados, rosetar, dormir, ir às festas, aos banquetes, jogar, rebolar, cantar trá-lá-lá.

CORO

Tomara que eu possa ver logo esse dia! Sofri muito, conheci muita cama dura!
(50). Eu não vou ser mais um juiz moroso e intratável...

TRIGEU

E duro às pampas, como antigamente...

CORO

Você vai ver como eu vou ficar bonzinho e remojado quando me livrar dos problemas da guerra. Estamos nos matando há muito tempo e nos estouramos correndo para os exercícios militares e voltando dos exercícios com a lança e o escudo (51). Mas o que é que nós podemos fazer para agradar você? Vamos! Fale, pois a sorte fez de você nosso líder absoluto!

TRIGEU

Para começar, quero ver como é que vamos tirar aquelas pedras da entrada da gruta.

(Reaparece HERMES, a tempo de ouvir TRIGEU)

HERMES

Canalha! Revolucionário! O que é que você pretende fazer?

TRIGEU

Nada de ruim... Tudo de bom... (52).

HERMES

Você está perdido, infeliz!

TRIGEU

Se for o meu destino, assim seja. Mas afinal de contas você é Hermes e vai ter de fazer o sorteio para ver quando eu vou morrer (53).

HERMES

Você está perdido, perdidíssimo!

TRIGEU
Quando?

HERMES
Agora mesmo!

TRIGEU

Mas eu ainda não comprei coisa alguma, nem farinha, nem queijo para ir para a guerra... quero dizer, para morrer! (54).

HERMES

Pois assim mesmo você vai entrar bem!

TRIGEU

E como é que eu ainda não senti nada, se vai me acontecer uma coisa tão boa?
(54-A)

HERMES

(Apontando para a caverna onde estava encerrada a PAZ)

Você não sabe que os deuses decretaram a morte para quem for apanhado tentando soltá-la?

TRIGEU

Então eu tenho de morrer de qualquer maneira?

HERMES

Você não tem escapatória!

TRIGEU

Então me empreste dinheiro (55) para eu comprar um leitão (56). Tenho de me preparar para morrer.

HERMES

Deus do raio e do trovão!...

TRIGEU

Nilo vã nos denunciar, pelo amor dos deuses! Eu suplico, meu chefe!

HERMES

Não posso me calar!

TRIGEU

Eu imploro, pelas oferendas de carne que trouxe para você, cheio de boa vontade!

HERMES

(Menos decidido)

Mas meu caro, os deuses me arrasariam se eu não denunciasse esse fato aos berros!

TRIGEU

Então não berre, meu Hermesinho, por favor!

(Ao CORO)

O que é que vocês têm? Digam, meus chapas! Vocês estão plantados aí, apalermados! Não fiquem calados, desgraçados, senão ele vai gritar!

CORO

Não faça isso, nosso senhor Hermes! Não faça isso! Não faça, não! Se você ainda se lembra do apetite com que devorou um leitãozinho oferecido por mim, não faça pouco caso daquele meu presente, agora que a situação não está boa!

TRIGEU

Você não está ouvindo esta puxada, meu senhor e chefe?

CORO

Não seja mau, é a nossa súplica! Não nos impeça de ficar com ela! Seja camarada, você que é o mais humano e bonzinho dos deuses, mesmo que você não tenha medo do penacho e da carranca de certos heróis... (57) E nós renderemos homenagens a você com santos sacrifícios e procissões pomposas para todo o sempre, chefe!

TRIGEU

Vamos! Eu imploro! Comova-se com a falação deles! Além disso, eles agora rezam para você ainda mais do que antes.

(À parte)

Agora eles são ainda mais ladrões do que antes... (58).

(Alto)

E eu vou revelar uma coisa terrível: um golpe contra todos os deuses!

HERMES

Então conte. Talvez você me convença.

TRIGEU

A Lua e esse malandro do Sol conspiram contra vocês há muito tempo e traem a Grécia para favorecer os bárbaros (59).

HERMES

E por que eles fazem isso?

TRIGEU

Ora! Porque nós fazemos sacrifícios a vocês e os bárbaros a eles. Logo, como você já deve ter manjado, eles gostariam de que todos nós fôssemos aniquilados para serem as únicas divindades a receber oferendas.

HERMES

Ah! Então foi por isso que eles há algum tempo surripiaram um pedaço do dia e encurtaram matreiramente suas órbitas? (60).

TRIGEU

Isso mesmo! Diante disso, meu caro Hermes, você deve nos apoiar como amigo e nos ajudar a tirar a Paz lá de dentro. Celebraremos em sua honra tudo quando é festa (61), até a dos outros deuses (62). Outras cidades também, livres de suas desgraças, sacrificarão a Hermes, o Salvador, em todos os lugares; isso sem contar os lucros que você terá... De saída eu lhe ofereço esta taça, para você fazer as libações.

HERMES

Ah! Essas taças de ouro me comovem!

TRIGEU

Manda brasa, pessoal! Vamos! Tirem essas pedras com as picaretas e cordas!

CORIFEU

Vamos tratar disso.

(Dirigindo-se a HERMES)

E você, que é o mais sabido dos deuses, dirija o nosso trabalho e explique o que devemos fazer, como entendido que você é em arrombamentos... Deixe o resto por nossa conta e você vai ver que nós não trabalhamos mal recebendo as suas ordens.

(Os coreutas tentam remover as pedras mas falham na primeira tentativa)

TRIGEU

(A HERMES)

Me dê a taça depressa para nós tomarmos uns tragos, muna libação em homenagem aos deuses antes de começarmos a picaretagem!

HERMES

Libação! Libação! Concentrem-se! Concentrem-se! Fazendo esta libação, vamos rezar para que este dia seja para todos os gregos o início de um bocado de coisas boas e para que os que pegarem nestas cordas com o coração cheio de boa vontade nunca mais tomem a pegar em armas!

TRIGEU

(Bebendo)

E que a gente possa levar a vida no seio da paz, com uma boa amiga, remexendo brasas... (62-A).

HERMES

(Bebendo)

Quanto aos que preferirem a guerra, que nunca parem...

TRIGEU

(Bebendo)

...de arrancar pontas de flechas dos cotovelos.

HERMES

(Bebendo)

E se alguém, com vontade de comandar batalhões, se opuser a que você volte a reinar entre os homens, soberana PAZ, que nas batalhas...

TRIGEU

(Bebendo)

...tenha de jogar as armas fora para fugir mais depressa (63).

HERMES

(Bebendo)

E se um fabricante de lanças ou um vendedor de escudos desejar que haja guerra para ganhar mais dinheiro...

TRIGEU

(Bebendo)

...que seja assaltado por bandidos e só fique com umas migalhas para comer!
(64).

HERMES

(Bebendo)

E se alguém, com vontade de ser general, não quiser nos ajudar, ou desertar como um escravo...

TRIGEU

(Bebendo)

...que seja amarrado numa roda e esfolado a chicotadas!

HERMES

(Bebendo)

E a nós só aconteçam coisas boas! Hipe, urra! Hipe, urra!

TRIGEU

(Bebendo)

Tire esse “urra”, que faz pensar em surra, e diga só “hipe” (65).

HERMES

(Bebendo)

Então, hipe! Hipe! (Ouvir? Eu disse só hipe.)

TRIGEU

(Bebendo)

A Hermes, às Graças, à Abundância (66), à deusa do amor (67), ao Desejo!

HERMES

(Já meio embriagado)

Mas ao deus da guerra não! (68).

TRIGEU

(Bebendo)

Não!

HERMES

(Bebendo)

Nem ao deus da carnificina!

TRIGEU

(Bebendo)

Não!

(Depois de retirarem as pedras que obstruíam a frente da caverna onde estava a PAZ, os coreutas amarram cordas na porta que a fecha)

HERMES

Agora empinem todos a espinha e puxem a corda!

CORO
Força!

HERMES
Mais força!

CORO
Força!

HERMES
Mais força ainda!

CORO
Força! Força!

TRIGEU

Mas vocês não estão puxando todos ao mesmo tempo! Vamos cooperar? Que confusão vocês estão fazendo! Vocês aí, beócios! Vocês estão querendo apanhar!
(69)

HERMES
Agora, força!

TRIGEU

Bota força nisso, pessoal!

CORO

(Dirigindo-se a HERMES e TRIGEU)

Vamos! Puxem vocês também!

TRIGEU

E o que é que eu estou fazendo senão puxar, me pendurar na corda, fazer a maior força e me estourar?

CORIFEU

Então por que o nosso esforço não dá resultado?

TRIGEU

(Ironicamente, a um coreuta mole)

O que é que há, Lâmaco? Não está direito você sentar nas pernas dos outros. Esse seu escudo pavoroso não adianta nada. Esses argivos aqui também não puxam há muito tempo; ficam rindo dos que fazem força e procuram levar vantagem dos dois lados (70).

HERMES

Mas os lacônios puxam como homens, meu chapa!

TRIGEU

É mesmo, mas só os lenhadores dão duro. Os ferreiros, não (71).

HERMES

Os megários também não são de nada (72). Puxam com uma cara tão feia que até parecem uns cachorrinhos.

TRIGEU

Também pudera! Estão morrendo de fome!

HERMES

Não estamos conseguindo nada, pessoal. Vamos! Temos de tocar para a frente com a solidariedade de todos!

CORO
Força!

HERMES
Mais força!

CORO
Força!

HERMES

Força, por favor!

CORO

Estamos nos mexendo um pouquinho!

TRIGEU

Não é de amargar que uns puxem num sentido e outros ao contrário? Vocês vão acabar levando umas lambadas, argivos!

HERMES
Agora, força!

TRIGEU
Força!

CORO

Que má vontade de alguns de vocês!

TRIGEU

(Aos lavradores atenienses)

Ao menos vocês, que estão ansiosos pela paz, puxem com vontade!

CORO

Mas alguns atrapalham!

HERMES

Por que vocês não vão para o inferno, Megários? A Paz zangou-se com vocês (73). Ela se lembra de que vocês foram os primeiros a esquentar o ambiente (74). Vocês, atenienses, parem de ficar pregados no chão! Vocês só querem julgar os outros. Se vocês querem mesmo soltar a Paz, recuem um pouco para o lado do mar (75).

CORIFEU

Vamos resolver o caso sozinhos, nós, os lavradores?

HERMES

Agora, com vocês, a coisa vai!

CORIFEU

Ele está dizendo que a coisa vai! Força, pessoal! Vamos na base do entusiasmo!

TRIGEU

Vejam só! Os lavradores conseguem puxar e os outros não!

CORO

Vamos agora, todo o mundo!

HERMES

É mesmo! Desta vez estamos perto!

CORO

Nada de moleza! Vamos redobrar o esforço e o entusiasmo!

HERMES

Desta vez vamos chegar até a Paz!

CORO

Então, força! Força, todo o mundo! Força, força, agora força! Força, força, todo o mundo, força!

(A porta cede)

A PAZ é trazida para fora da caverna, acompanhada da ABUNDÂNCIA — literalmente “Opora”, deusa das colheitas e dos frutos — e da ALEGRIA — literalmente “Teoria”, deusa das festas)

TRIGEU

Com que palavras vou me dirigir à senhora, soberana Paz, doadora das uvas? Onde irei buscar adjetivos saídos de dez mil jarras de vinho para saudar a senhora? (Lá em casa está faltando vinho...) Salve, Abundância, e você também, Alegria (que carinha linda você tem, Alegria!).

(Beija a ALEGRIA)

Que hálito gostoso, perfumado e suave como a isenção do serviço militar e como as essências mais finas!

HERMES

Isso faz lembrar o cheiro das trouxas dos soldados!

TRIGEU

Longe de mim a trouxa odiosa de um inimigo odiado! (76). O cheiro da trouxa pioraria o arrote de um comedor de cebolas. O hálito dela perfuma o odor das frutas, os banquetes, as festas dos deuses, a música das flautas, os cantos de Sófocles, os versinhos de Eurípides...

HERMES

Você vai-se arrepender por estar caluniando a Alegria; ela não pode gostar de um poeta chicaneiro! (77).

TRIGEU

(Continuando)

...a hera, as pipas de vinho, os carneirinhos balindo, o colo das mulheres correndo soltas no campo, a empregadinha embriagada, a garrafa vazia e muitas outras coisas boas.

HERMES

Veja como as cidades conversam umas com as outras, de pazes feitas, e riem alegremente!

TRIGEU

E isso apesar do aspecto de cansaço e dos corpos cobertos de curativos.

HERMES

E aqueles ali, os espectadores? Olhe a cara deles e veja se você descobre a profissão de cada um!

TRIGEU
Que tristeza!

HERMES

Aquele ali, por exemplo, o fabricante de penachos para capacetes: você está vendo como ele arranca os cabelos?

TRIGEU

É, mas o fabricante de enxadas soltou o maior peido no nariz do fabricante de espadas, aquele ali atrás!

HERMES

E você está vendo como o fabricante de foices está alegre?

TRIGEU

E como ele dá uma banana para o fabricante de lanças? (78).

HERMES

Agora comunique aos lavradores que eles devem voltar.

TRIGEU

Ouçam todos: que os lavradores voltem com suas ferramentas e se dirijam sem demora para o campo, sem lança, nem espada, nem dardo, pois a boa Paz de antigamente está de novo aqui conosco. Vamos! Volte cada um a trabalhar no campo após cantar uma canção alegre!

CORIFEU

Ó dia tão esperado pelos homens de bem e pelos lavradores! Feliz por haver-te visto, quero saudar minhas parreiras e figueiras, que plantei na mocidade. Há muito tempo suspiro por abraçá-las!

TRIGEU

Agora, companheiros, vamos invocar primeiro a deusa que nos livrou dos penachos de guerra e dos escudos assustadores. Depois tratemos de correr depressa para nossas casas, para nossos sítios, não esquecendo de comprar alguma comida para levar para o campo.

HERMES

Ah! Deuses! (79). Que bonito espetáculo é esse ajuntamento compacto como um bolo e buliçoso como um banquete nababesco!

TRIGEU

É sim; a enxada é mesmo uma coisa bonita quando bem polida, e os ancinhos de três dentes brilhando ao sol também, prontinhos para fazer um bom canteiro. Eu mesmo estou ansioso por voltar ao campo agora e afofar meu pedacinho de terra com o enxadão, depois de tanto tempo. Vamos! Lembrem-se, companheiros, da vida boa que a deusa nos proporcionava antes, aqueles pacotes de figos secos, os figos frescos, o mirto, o vinho doce, o canteiro de violetas perto do poço e as azeitonas que agora nos fazem tanta feita! Dêem agora um viva à deusa pela volta dessas coisas boas!

CORO

Viva! Viva! Como estamos alegres com a sua vinda, Paz muito querida! Eu estava tarado de desejos por você; um impulso sobre-humano me impelia a voltar para o campo. Você era a causa da abundância para todos nós que vivemos da terra, Paz muito desejada! Só você nos ajudava. Que doces prazeres tínhamos antes, graças a você, gratuitos e bem gozados! Você era para a gente do campo o doce mais gostoso e a salvação. As parreiras e as figueiras novas e todas as outras plantas também receberão você com um sorriso alegre.

CORIFEU

Mas onde esteve a Paz durante esse tempo todo, enquanto ficou longe de nós?
Você que é o deus mais bonzinho, Hermes, conte para nós.

HERMES

Prestem muita atenção ao que vou dizer, vocês que são lavradores sensatos, se quiserem ficar sabendo como perderam a Paz. A causa remota da desgraça foi o exílio de Fídias (80). Péricles, receoso de partilhar a mesma sorte e temendo o temperamento de vocês e esses dentes sempre prontos para morder, para não ser atingido pela desventura pôs fogo na cidade, valendo-se de uma pequena centelha — o decreto a respeito de Megara (81) e soprou o vento da guerra com tanta força que a fumaça fez todos os gregos chorar, os lá de baixo e os daqui. E desde que um graveto crepitou timidamente e um tonel atingido chocou-se violentamente contra outro tonel, não houve mais quem pudesse deter o mal e a Paz desapareceu.

TRIGEU

Ninguém tinha me dito essas coisas antes. Eu não sabia que havia uma ligação entre elas e Fídias.

CORIFEU

Nem eu; só agora estou sabendo disso. Então é por estar ligada a esse grande homem que a Paz é tão bela! Quanta coisa nós ignorávamos!

HERMES

Depois, quando as cidades submetidas a vocês viram vocês brigando uns com os outros e mostrando os dentes, recorreram a tudo contra vocês com receio dos tributos que teriam de pagar e conquistaram com bom dinheiro os lacônios mais influentes. Estes, ambiciosos, cínicos e fàlsamente amigos dos estrangeiros, repeliram vergonhosamente a Paz para estimular a Guerra. E os lucros deles foram a perdição dos lavradores, pois vossos barcos em represália saíam daqui para destruir as figueiras dos inocentes.

TRIGEU

E era muito justo, pois eles derribaram a figueira negra que eu tinha plantado e tratava tão bem.

CORIFEU

Sim, meu caro; era justo, pois quanto a mim eles destruíram a pedradas o depósito onde eu guardava todo o meu trigo (82).

HERMES

Depois, quando o povo do campo se concentrou aqui, não compreendeu que estava servindo de instrumento, tal como antes; privado do bagaço de uva e louco por figos secos, o povo se virava para os demagogos; estes, sabendo que os pobres estavam exaustos e necessitados de pão, expulsaram a deusa aos berros, embora muitas vezes ela tentasse reaparecer, por sua própria vontade, por amor desta terra. Eles atormentavam os aliados prestigiosos e ricos, acusando-os de serem partidários de um general de outras terras (83). E vocês, como cães ferozes, estraçalhavam as vítimas que eles indicavam, pois a cidade, lívida, aterrorizada, inerte, se banqueteara deliciada com tudo que era atirado a ela. Mas os estrangeiros, diante dos golpes que recebiam, empanturravam com ouro a boca dos que faziam essas coisas; e, assim, eles enriqueciam, enquanto a Grécia se arruinava sem que vocês percebessem. E o autor de tudo isso era um vendedor de couros (84).

TRIGEU

Chega. Chega, chefe Hermes; não diga esse nome. Deixe esse homem onde ele está, lá no inferno. Esse homem não é mais nosso; é seu (85). Tudo que você disse dele agora, que ele em vida foi um salafrário, um caluniador, um delator, um enrolador, um agitador, tudo isso agora atinge gente sua, Hermes.

(Dirigindo-se à PAZ)

Mas por que a senhora permanece calada? Diga!

HERMES

Ela não quer dirigir a palavra aos espectadores; está muito zangada com eles por causa dos sofrimentos que causaram a ela.

TRIGEU

Então ela que fale a você sozinho, em voz baixa.

HERMES

Diga quais são os seus sentimentos a respeito deles, querida. Vamos, fale, você que é a mulher que mais odeia as armas!

(HERMES aproxima seu rosto do rosto da PAZ, como se a ouvisse falar baixo)
Muito bem. Estou ouvindo. Isso é tudo que você reprova neles? Compreendo.

(Dirigindo-se aos espectadores)

Ouçam a razão por que ela censura vocês: ela diz que veio espontaneamente, depois dos acontecimentos de Pilos (85-A), trazer à cidade um cesto cheio de trégua e foi repelida três vezes pelos votos de vocês na assembléia.

TRIGEU

Nisso nós erramos, mas perdoe; nosso espírito estava coberto de couro (86).

HERMES

(Após ouvir algo que a PAZ lhe diz ao ouvido)

Vamos para a frente. Ouça o que ela acaba de me perguntar: quem fazia mais oposição a ela aqui e quem era amigo dela e se esforçava para que não houvesse luta?

TRIGEU

O maior amigo dela, sem comparação, era Cleônimo (87).

HERMES

Que espécie de homem é esse Cleônimo quanto às virtudes guerreiras?

TRIGEU

Um sujeito valente como nenhum outro; mas ele não era filho do distinto que ele chamava de pai. Mal partiu para a guerra esse enjeitado “enjeitou” o escudo (88).

HERMES

Ela ainda quer saber uma coisa: quem é o maioral agora nos comícios? (89)

TRIGEU

Quem tomou conta desse lugar foi Hipérbolo (90).

(Dirigindo-se à PAZ)

Ei! O que é que você está fazendo? Por que você virou a cara para o outro lado?

HERMES

É desgosto e irritação porque o povo escolheu um chefe tão ruim.

TRIGEU

Mas nós não queremos mais ele! O povo não tinha um guia e, sentindo-se completamente nu, fez dele uma espécie de cobertor.

HERMES

Ela está perguntando como é que a cidade vai resolver esse caso.

TRIGEU

Agora nós vamos ter mais juízo.

HERMES
Como?

TRIGEU

Ele era fabricante de lampiões. Antes nós tratávamos dessas questões às apalpadelas, no escuro. Agora todas as nossas deliberações vão ser às claras, com os lampiões dele.

HERMES

(Após ouvir novamente a PAZ)

Essa não! Quantas perguntas ela quer que eu faça!

TRIGEU
Quais?

HERMES

Uma porção, principalmente sobre coisas que se passaram desde que ela foi embora daqui. Primeiro ela quer saber o que é feito de Sófocles (91).

TRIGEU

Ele vai bem, mas acontece uma coisa gozada com ele.

HERMES
Que coisa?

TRIGEU

Depois de velho ele só pensa em dinheiro (92).

HERMES
Como?

TRIGEU

Ora; velho e acabado como está, “por dinheiro ele navegaria até numa tábua” (93).

HERMES

Como é que pode? E o genial Cratino? (94). Ele ainda vive?

TRIGEU

Morreu durante a invasão dos lacônios.

HERMES

Que houve com ele?

TRIGEU

Que é que podia ter acontecido? Ele teve um colapso; não resistiu quando viu os inimigos quebrarem uma jarra cheiinha de vinho. E você não pode imaginar quantas outras desgraças aconteceram na cidade! Por essas e outras nunca mais deixaremos você, dona Paz.

HERMES

Pois se você pensa assim, case com a Abundância, que está aqui. Vá morar com ela no campo e tenham muitas... uvas (95).

TRIGEU

Venha cá, querida, e me dê um beijo.

(A HERMES)

Você vai estranhar se depois de um jejum tão prolongado eu me jogar em cima dela, chefe Hermes?

HERMES

Não, mas primeiro tome um chá de erva-doce (96). Leve primeiro a Alegria, que também está aqui, até o Senado, que antes se servia dela (97).

TRIGEU

Senado de sorte, com essa Alegria! Quanta sopa você vai engolir durante três dias, quanta tripa cozida você vai devorar, e quanta carne! Isso sim é que é vida divertida, meu caro Hermes! Passe bem!

HERMES

E você também, meu chapa! Vá divertir-se e lembre-se de mim.

TRIGEU

Para casa, escaravelho! Para casa! Vamos levantar vôo!

HERMES

Ele não está mais aqui, meu caro.

TRIGEU

Para onde ele foi?

HERMES

“Jungido ao carro do potente Zeus ele conduz os seus relâmpagos...” (98).

TRIGEU

E onde o coitadinho vai achar comida?

HERMES

Ele pode comer a ambrosia de Ganimedes, que mora por lá (99).

TRIGEU

E como é que eu vou descer?

HERMES

Não se preocupe que tudo vai dar certo; fique aqui ao lado da deusa.

TRIGEU

Venham comigo, moças, e depressa! Muitos marmanjos lá embaixo desejam e esperam vocês daquele jeito (100).

CORIFEU

Então vá embora e seja feliz. E nós, enquanto esperamos, vamos entregar essas coisas todas (101) ao pessoal do Coro, para serem guardadas, pois há uma porção de ladrões perto do palco preparando-se para penetrar e dar os seus golpes.

(Ao pessoal do CORO)

Cuidem valentemente de tudo isso. Quanto a nós, vamos dirigir a palavra ao público e expor nosso pensamento aos espectadores (102).

*

Sem dúvida mereceria umas bengaladas do guarda do teatro (103) o poeta cômico que se desmandasse em auto-elogios ao dirigir-se ao distinto público nesta feia frente a frente (104). Mas se é permitido, Musa (105), render homenagem ao homem que conquistou a fama de melhor dos comediógrafos, nosso poeta pensa que tem direito a grandes louvores. Primeiro, porque ele foi o único entre nós que forçou seus rivais a acabarem com a monotonia de fazer graça sistematicamente com farrapos e com catação de piolhos. Esses heróis grotescos de antigamente (106), sempre amassando bolos e famintos, foi ele o primeiro a aboli-los e desmoralizá-los. Ele acabou com os escravos que fugiam, tapeavam e faziam tudo para apanhar, saindo de casa gemendo sem parar, só para que um companheiro, depois de zombar das pancadas recebidas, perguntasse: “Que foi que houve com a sua pele, infeliz? Será que o chicote de muitas pontas tomou conta de seus flancos e estourou as suas costas?” Proscrevendo essas tolices, essa vulgaridade, essas palhaçadas grosseiras, ele criou para nós uma arte maior e, construindo-a, vestiu-a de belas palavras, de grandes idéias e de uma graça que não se encontra aí pelas ruas. Não são criaturas obscuras nem mulheres que ele põe em cena, mas com uma coragem heróica (106-A) ele traz à cena os cidadãos mais poderosos, indiferente ao mau cheiro do couro (107) e às ameaças cheias de lama. E acima de tudo combateu o

monstro de dentes afiados, apesar de seus terríveis olhares de cadela (108) que lançavam relâmpagos; cem cabeças de aduladores nojentos, em círculo, lambiam-lhe a fronte; sua voz parecia uma torrente devastadora; fedia como uma foca e tinha os testículos sujos de uma Lamia (109) e o traseiro de um camelo. Não tive medo (109-A) de tal monstro e lutando em defesa de vocês e das ilhas enfrentei-o sempre. Por esses serviços, agora é justo que vocês me concedam uma recompensa e se mostrem reconhecidos. Vocês sabem que quando recebi antes um prêmio igual que pleiteara, ninguém me viu sair correndo para os campos de ginástica, ansioso por corromper meninos; ao contrário, arrumando minha bagagem eu me retirava logo, após haver causado o mínimo possível de mágoas, muita alegria e haver cumprido o meu dever. Conto com o apoio dos homens feitos e dos moços. Convido também os carecas a concorrer para a minha vitória. Se eu for o vencedor, cada um deles poderá dizer nos banquetes e nas bebedeiras: “Leve este prato para o careca! Passe aqueles ali para o careca, não negue o que é devido ao dono da testa mais imponente entre todos os poetas” (110).

PRIMEIRO SEMICORO

E tu, Musa, manda a Guerra pular e dançar comigo, celebrando as núpcias dos deuses, as farras dos homens e as festas alegres dos bem-aventurados, pois são esses os assuntos que preferes desde o início dos tempos (I10-A). Mas se Carcino (111) vier pedir-te para dançar com seus filhos, não ouças o que eles disserem, não sigas em sua companhia; trata-os como se fossem codornas, dançarinos com o pescoço do tamanho do saco dos soldados, anões, merda de cabra, trapaceiros. O pai deles também queria que a peça que, contra a expectativa geral, ele tinha conseguido apresentar, fosse engolida de noite por um gato (112).

SEGUNDO SEMICORO

São estes os hinos simples das Graças de belos cabelos, que um bom poeta deve cantar quando a andorinha pousada fez ouvir seu gorjeio primaveril, quando Mórsmo (113) não consegue gente para o coro, nem Melâncio, cuja voz desafinada ainda ouço naquela vez em que compuseram um coro trágico, ele e o irmão, duas Górgonas vorazes (114), Hárpias (115), tocaiadores de arraias, miseráveis perseguidores de velhas, de axilas de bode, malcheirosos até no mercado de peixe. Lança sobre eles uma abundante e ampla cusparada, divina Musa, e vem celebrar a festa comigo. (116).

*

TRIGEU

(Reaparecendo em frente de sua casa em companhia da ABUNDÂNCIA e da ALEGRIA, e dirigindo-se aos espectadores)

Como foi difícil chegar até a morada dos deuses! Vejam como as minhas pernas ainda estão tremendo! Vocês lá de cima pareciam tão insignificantes! Olhando lá do céu vocês pareciam ruins mesmo, mas daqui eu vejo que vocês são ainda piores.

CRIADO

(Saindo da casa de TRIGEU)

Até que enfim o senhor voltou!

TRIGEU

É o que dizem por aí.

CRIADO

O que foi que aconteceu com o senhor?

TRIGEU

Estou com as pernas doendo depois dessa longa caminhada.

CRIADO

Mas agora me conte!

TRIGEU
O quê?

CRIADO

Além do senhor havia algum outro homem lá pelos caminhos do céu?

TRIGEU

Não, a não ser umas duas ou três almas de poetas ditirâmbicos (117).

CRIADO

E o que é que eles estavam fazendo?

TRIGEU

Eles colhiam em pleno vôo prelúdios líricos, desses que — como direi? —
flutuam em todos os sentidos no azul diáfano.

CRIADO

Então essa estória de que a gente vira estrela depois de morto não é verdadeira?

TRIGEU
É sim.

CRIADO

E que estrela é agora lá no céu aquele poeta que falava muito em estrelas? (118).

TRIGEU

Aquela mesma de que ele falou num de seus poemas. Mal ele chegou lá por cima foi logo chamado de Estrela d'Alva.

CRIADO

E essas estrelas que cruzam o espaço e deixam um rastro de fogo por onde passam?

TRIGEU

São estrelas ricas que voltam dos banquetes com lampiões acesos.

(Apontando para a ABUNDÂNCIA)

Mas pegue esta aqui e leve lá para dentro já; encha a banheira, esquite a água e apronte um leito nupcial para ela e para mim. Quando você tiver feito tudo isso, volte aqui.

(Apontando para a ALEGRIA)

Enquanto isso eu vou levar esta aqui até o Senado.

CRIADO

Onde foi que o senhor arranjou essa aí?

TRIGEU
Onde? No céu!

CRIADO

Então eu não dou mais esmolas aos deuses, se eles bancam os cafifas como nós, mortais.

TRIGEU

Não foi exatamente assim, mas lá também há quem viva disso. Vamos, rapaz!
Ande!

CRIADO

Eu devo dar alguma coisa para ela comer?

TRIGEU

Nada; ela não há de querer nem pão nem bolachas, pois está acostumada a mamar ambrosia lá no céu.

CRIADO

Então é preciso dar alguma coisa aqui também para ela mamar?

(Sai o CRIADO com a ABUNDÂNCIA)

CORIFEU

O velhote hoje parece felicíssimo; está na cara.

TRIGEU

Imagine só quando você me vir casado, brilhando às pampas!

CORIFEU

Vão ficar com muita inveja de você, velhinho, quando você aparecer todo perfumado, como um broto.

TRIGEU

Eu acredito. Você já pensou como vai ser bom quando eu deitar com ela e pegar nos peitinhos dela?

CORIFEU

Você vai parecer mais feliz que uma... vedeta (119).

TRIGEU

E não é justo? Eu que, montado num escaravelho, salvei os gregos, de tal maneira que agora eles podem morar tranqüilamente no campo, fazer amor e dormir?

CRIADO

(Voltando)

Eu já dei banho na moça e vai tudo bem lá por perto do traseiro dela: a torta está assada, estão amassando o gergelim *etc.* Só falta a vara.

TRIGEU

Então vamos mandar a Alegria de uma vez para o Senado.

CRIADO

Quem é ela? O que é que o senhor está dizendo?

TRIGEU

Nós já conhecemos esta Alegria, numa festa em que estávamos meio bebidos (120). Fique sabendo que tive muito trabalho para pegá-la.

CRIADO

E o que é que ela promete, chefe? Uma festa a... bundante? (121).

TRIGEU

(Aos espectadores)

Algum de vocês aí é sério? Quem? Vamos ver! Quem vai querer tomar conta dela e guardá-la inteirinha para o Senado?

(Ao CRIADO, que faz um sinal obsceno)

Que é que você está querendo dizer com esse gesto?

CRIADO

(Hesitante e gaguejando)

A... coisa... Está perto da festa da coisa dela e eu queria um lugar para minha coisa na festa... (122).

TRIGEU

(Aos espectadores)

Como é? Ninguém se ofereceu ainda para tomar conta dela?

(À ALEGRIA)

Então venha cá, que eu mesmo vou levar você e deixá-la no meio deles.

(TRIGEU sai com a ALEGRIA e com o CRIADO)

(A cena desloca-se para o Senado)

CRIADO

Alguém está fazendo sinal ali.

TRIGEU
Quem?

CRIADO

Quem havia de sei? Arifrades. Ele implora para nós levarmos a Alegria até onde ele está (123).

TRIGEU

Mas ele vai-se jogar em cima dela e sugar toda a seiva dela, coitadinha!

(À ALEGRIA)

Vamos. Primeiro tire a roupa.

(A ALEGRIA despe-se; quando fica nua, TRIGEU a conduz até a entrada do compartimento reservado aos senadores)

Senado! Senadores! (124). Contemplem a Alegria! Vejam quanta coisa boa eu trago para vocês! De saída, vocês podem levantar as pernas dela e iniciar o “sacrifício”. Olhem que “forno”! (125)

CRIADO

Puxa! Ela é bonita às pampas! Agora eu compreendo porque é que ela tem aquela mancha preta! É a fumaça do forno! Antes da guerra os senadores fritavam bolinhos ali!

TRIGEU

Agora que ela é de vocês, podem organizar a partir de amanhã uma sessão gostosíssima, com uma luta vale-tudo; podem virá-la de costas, botá-la de joelhos, aplicar uns golpes bens lubrificádos, trabalhar com as mãos e com os paus. No dia seguinte, depois de tudo isso, vocês podem fazer uma competição hípica, montando e desmontando, caindo e trepando. Quem não agüentar a virada vai ficar todo esfolado! Vamos, senadores! Recebam a Alegria! (Vejam com que “eficiência” aquele senador recebe a Alegria! Você não agiria com essa rapidez se fosse preciso apresentar algum projeto sem compensação; você entraria em recesso...)

CORO

É isso mesmo! Um homem como você é uma preciosidade pública!

TRIGEU

Quando chegar a hora da colheita vocês vão saber ainda melhor quanto eu valho!

CORO

Nós já estamos vendo desde agora. Você foi o nosso salvador.

TRIGEU

Você vai dizer isso ainda mais alto quando esvaziar uma taça de vinho novo!

CORO

Depois dos deuses você para nós é o maior!

TRIGEU

E eu mereço isso de vocês, eu, Trigeu Atmoneu; liberei o povo, liberei os lavradores de sofrimentos cruéis e acabei com um perigoso demagogo (126).

CRIADO

Então vamos tocar para a frente. O que é que temos de fazer agora?

TRIGEU

Agora só feita instalar condignamente a Paz. Vamos oferecer umas panelas a ela.

CRIADO

Panelas, como a um deusinho qualquer?

TRIGEU

Então o que é que você acha? Você quer que seja um boi gordo?

CRIADO

Um boi? De jeito nenhum! Matar boi fez pensar em matar gente, em guerra (127).

TRIGEU

E que tal um porco grande e gordo?

CRIADO
Não... Não...

TRIGEU
Por que não?

CRIADO

Os políticos talvez queiram fazer alguma porcaria... (128).

TRIGEU

Então o que é que você quer oferecer à deusa?

CRIADO
Um cordeiro.

TRIGEU
Cordeiro?

CRIADO

Isso mesmo.

TRIGEU

Não estou entendendo! Por quê?

CRIADO

Se alguém falar em guerra, vai haver berro.

TRIGEU

Você tem toda a razão.

CRIADO

...e aí todo o mundo fica bonzinho. Todo o mundo vai ser bonzinho como um cordeiro, tanto entre nós como entre os nossos aliados.

TRIGEU

Então traga logo o cordeiro. Eu vou arranjar o altar para a oferenda.

(Saem todos)

CORO

Tudo acaba bem quando os deuses e a sorte querem. Tudo marcha como se deseja e as coisas se encaminham para um ponto certo.

TRIGEU

(Reaparecendo)

É isso mesmo, pois aí está um altar prontinho em frente à porta.

CORO

Vamos depressa, enquanto dura o vento forte soprado pelos deuses para afastar a guerra. Agora eles encaminham claramente a nossa sorte no rumo da prosperidade.

TRIGEU

Está aqui a cesta com os pés de cevada sagrados, uma grinalda, um cutelo; o fogo está ali no altar. Só falta o cordeiro.

CORO

Então toda a pressa é pouca. Se algum músico desses que levam a vida na flauta (129) vir vocês aí, vai chegar perto e vai querer tocar sem ser convidado; e se vocês virem a cara de sofrimento que ele faz quando toca, vão deixar que ele tome parte na festa.

TRIGEU

(Ao CRIADO que chega com um cordeiro e um jarro de água)

Vamos! Pegue a cesta e a água benta e dê uma volta pelo altar, da direita para a esquerda. Depressa!

CRIADO

Pronto! Diga outra coisa que eu já dei a volta.

TRIGEU

Agora vamos apanhar este tição para mergulhá-lo na água.

(Dirigindo-se ao cordeiro, no qual joga água)

Sacuda-se depressa!

(Ao CRIADO)

E você, me dê a cevada! Purifique as mãos na água benta e depois passe ela para mim e jogue os grãos nos espectadores.

CRIADO
Pronto!

TRIGEU
Você já jogou?

CRIADO

Já sim; e tão bem que, apesar de haver muitos espectadores, nenhum ficou sem seus grãos...

TRIGEU

Pelo menos as mulheres não receberam.

CRIADO

Mas de noite os maridos vão passar os grãos para elas...

TRIGEU

Muito bem. Então vamos rezar. Quem é esta gente? Onde está a gente boa?

CRIADO

Eu vou jogar nestes aqui; eles têm jeito de ser boa gente.

(Joga água benta nos espectadores)

TRIGEU

Você tem certeza de que eles são boa gente?

CRIADO

E não são? Eles que agüentam firme no lugar apesar dessa chuvarada que eu joguei neles?

TRIGEU

Então toca para a frente. Vamos rezar.

CRIADO
Rezemos.

TRIGEU

Augusta rainha e deusa, Paz venerada, soberana dos coros, soberana das festas nupciais, recebe nosso sacrifício!

CRIADO

Recebe nosso sacrifício, deusa digníssima, e não faça como as mulheres que negaceiam com os amantes; elas entreabrem a porta e se debruçam; se algum homem fica de olho, elas entram; depois, se o homem que ficou de olho vai embora, elas se debruçam de novo. Não faça nada disso conosco!

TRIGEU

Não faças, não! Mostra-te todinha, como uma mulher sincera, a nós, teus amantes, que nos matamos por ti há treze anos (130). Acaba com as batalhas e os conflitos para podermos chamar-te de fim da guerra. Acaba com essas desconfianças sem fundamento que nos fazem lançar-nos uns contra os outros. Junta-nos, junta os gregos todos com o cimento da amizade e infunde em nossos peitos um pouco de suave tolerância. Faze com que nosso mercado fique superlotado de coisas gostosas: de Megara, alhos, pepinos tenros, marmelos, romãs, capotes para escravos; da Beócia, que venha gente trazendo gansos, marrecos, pombos bravos, patos selvagens; que as melhores enguias cheguem aos cestos e que, amontoados em volta delas para fazer nossas compras, nos acotovelemos com todos os gulosos da cidade (131); que um comilão preguiçoso (131-A) chegue tarde demais ao mercado, quando não houver mais enguias para vender, e cante suas tristezas em versos trágicos (132). O pessoal ia se divertir às pampas! Atende às nossas preces todas, deusa venerável!

(Ao CRIADO)

Pegue o cutelo e trate de degolar o cordeiro como um bom cozinheiro.

CRIADO

Mas assim não está direito!

TRIGEU

Bolas! Por que não?

CRIADO

Eu acho que a Paz não gosta de matanças nem de altares ensangüentados.

TRIGEU

Está bem! Vá sacrificar a vítima lá dentro. Separe as coxas e volte com elas para cá. Assim o cordeiro fica sendo de quem está pagando o preço dele. (133).

CORO

(*A TRIGEU*)

Agora você tem de ficar aqui fora para arranjar depressa a lenha e as outras coisas para a cerimônia.

TRIGEU

Você não acha que eu arrumo os galhos como um verdadeiro adivinho? (133-A).

CORO

E por que não? Então você não sabe tanto quanto os maiores sabichões? O que é que você desconhece, você que tem uma inteligência que manja tudo e uma audácia cheia de macetes?

TRIGEU

É, mas a lenha acesa faz uma fumaceira capaz de sufocar o adivinho mais guloso (134). Vou trazer também a mesa para cá e bancar o garçom.

(TRIGEU entra)

CORO

Quem pode deixar de elogiar um homem como esse, que sofreu tantas provações para salvar a cidade?

(Dirigindo-se a TRIGEU, que volta com a mesa)

Todo mundo vai invejar você toda a vida!

TRIGEU

Pronto! Já arranjei tudo.

(Ao CRIADO, que volta com as coxas do cordeiro)

Ponha essas coxas no fogo. Eu vou buscar os miúdos e doces.

CRIADO

Deixe que eu cuide de tudo isso.

TRIGEU

Mas você já devia ter voltado há muito tempo!

CRIADO

Estou aqui. O senhor acha que eu demorei?

TRIGEU

Então asse bem a carne. Espere aí! Estou vendo alguém vindo para cá com uma coroa de louros!

CRIADO
Quem será?

TRIGEU

Que jeito de charlatão ele tem!

CRIADO

Será algum adivinho?

TRIGEU

Essa não! E o próprio Hiérocles, aquele profeta provinciano! (135).

CRIADO

Só quero ver qual vai ser a conversa dele agora!

TRIGEU

Está na cara que ele vai querer atrapalhar a conciliação geral!

CRIADO

Eu acho que não. Naturalmente ele vem atraído pela fumaça.

TRIGEU

Então vamos fazer de conta que não estamos vendo ele.

CRIADO

O senhor tem razão.

(Entra HIÉROCLES)

HIÉROCLES

(Com ares de importância)

Que significa este sacrifício? A que deus ele está sendo oferecido?

TRIGEU

(Ao CRIADO, como se não houvesse notado a presença de HIÉROCLES)
Você aí cale a boca e asse essa carne; e não toque nos rins! (136).

HIÉROCLES

A que deus vocês estão sacrificando? Não vão dizer?

TRIGEU

(Ao CRIADO)

Asse bem o rabo!

CRIADO

É claro que vai ficar bem assado, Paz augusta e querida!

HIÉROCLES

Vamos! Comece o sacrifício e me dê as primícias!

TRIGEU

É melhor assar primeiro.

HIÉROCLES

Mas esses pedaços aí já estão assados!

TRIGEU

Eu não sei quem é você, mas já sei que é um bocado chato!

(Ao CRIADO)

Corte!

HIÉROCLES

Onde é que tem uma mesa?

TRIGEU

(Ao CRIADO)

Vá buscar as libações!

(Sai o CRIADO)

HIÉROCLES

A língua se corta em separado.

TRIGEU

Nós já cuidamos disso, mas você sabe o que é que devia fazer?

HIÉROCLES

Só depois que você disser.

TRIGEU

Não converse conosco, nem mais uma palavra, pois estamos fazendo um sacrifício à Paz.

HIÉROCLES

(Em tom cavernoso e oracular)

Ó infelizes, ingênuos mortais...

TRIGEU
Infeliz é você!

HIÉROCLES
(*No mesmo tom*)

...que, dementes e sem perceber a vontade dos deuses, ousastes fazer um tratado de paz com macacos de olhar perspicaz, vós que sois criaturas humanas!

TRIGEU

(Zombando)

Ha! Ha! Ha!

HIÉROCLES
Qual é a graça?

TRIGEU

É engraçado esse negócio de “macacos de olhar perspicaz”!

HIÉROCLES

Pobres pombas que vos entregais a pequenas raposas astutas, velhacas no espírito e nos sentimentos!

TRIGEU

(Mostrando os pulmões do cordeiro, que estão sendo assados)

Charlatão! Eu ficaria feliz se os seus pulmões estivessem tão torrados quanto estes!

HIÉROCLES

Se Bácsis, notável profeta, não foi enganado por Ninfas divinas, nem Ninfas divinas de novo enganaram a Bácsis profeta... (137).

TRIGEU

Eu mando você para o inferno se você não parar de Básis... dalar! (138).

HIÉROCLES

Os fados ainda não tinham fixado o momento de serem desfeitos os nós que prendiam a Paz. Ainda não era oportuno...

TRIGEU

(Ao CRIADO que volta)

Salpique a carne com o sal que está ali.

HIÉROCLES

Aos deuses augustos não é agradável ainda que o bélico estrépito cesse; somente depois de casados o lobo e a plácida ovelha.

TRIGEU

Como é que pode haver o casamento de um lobo com uma ovelha, desgraçado?

HIÉROCLES

Enquanto na fuga exalar seu fedor o veloz percevejo, e na pressa de perpetuar-se o cantor pintassilgo gerar seus filhotes ceguinhos, proclamo em verdade que a hora da paz não soou! (139).

TRIGEU

E o que é que você acha que nós devíamos ter feito? Parar de lutar ou tirar a sorte para ver qual dos povos haveria de chorar mais, se com um tratado de paz podemos comandar a Grécia juntos?

HIÉROCLES

Jamais poderás conseguir que ande certo o voraz caranguejo!

TRIGEU

“Jamais jantarás no Senado; jamais poderás proferir teus oráculos após o que agora te espera!”

HIÉROCLES

Jamais poderás alisar um ouriço eriçado!

TRIGEU

Você não vai parar de enganar os atenienses?

HIÉROCLES

(Em tom mais natural)

Que raio de oráculo mandou vocês assarem coxas de cordeiro para os deuses?

TRIGEU

Bolas! O oráculo composto por Homero:

“Afugentando a nuvem detestável

“da guerra, optaram pela paz e a ela

“um santo sacrifício dedicaram.

“Depois de haver assado as gordas coxas,

“saciaram-se com as vísceras e ergueram

“as taças em solenes libações.

“Eu indicava a via mas ninguém

“oferecia a grande taça ao vate” (140).

HIÉROCLES

Mas isso não quer dizer nada para mim. Não foi isso que a Sibila disse (141).

TRIGEU

Mas Homero, o sábio, disse muito bem:

“Indiferente ao parentesco, à lei,

“ao lar, é aquele que se entrega à guerra

“horrível mais que todas, entre irmãos.”

HIÉROCLES

(Novamente em tom oracular)

Cuidado, que por artimanhas insidiosas um falcão sinistro pode devorar...

TRIGEU

(Ao CRIADO)

Cuidado com o golpe dele! Esse oráculo é perigoso para a carne que estamos assando. Ponha vinho aqui para uma libação e traga para cá uma parte dos miúdos.

HIÉROCLES

Se você preferir, eu mesmo vou lavar as mãos.

TRIGEU

Libação! Libação! (142)

HIÉROCLES

(Ao CRIADO)

Me dê também uma parte dos miúdos!

TRIGEU

“Aos deuses augustos não é agradável ainda...

” Só depois que você for embora e nós bebermos (143).

(Pondo vinho na taça)

Fique conosco, augusta Paz, por toda a vida!

HIÉROCLES

Me traga a língua!

TRIGEU
Só se for a sua!

CRIADO
Libação!

TRIGEU

(Ao CRIADO, entregando-lhe a carne)

Fique com isso também. Pegue depressa!

HIÉROCLES

Ninguém vai me dar um pouco desses miúdos?

TRIGEU

Ninguém; eu não posso dar miúdos a você;
“somente depois de casados o lobo e a plácida ovelha”.

HIÉROCLES

Por seus joelhos!

TRIGEU

Você implora em vão, meu amigo:

“Jamais poderás alisar um ouriço eriçado!”

(TRIGEU e o CRIADO sentam-se à mesa)

(TRIGEU dirige-se aos espectadores)

Caros espectadores, venham deliciar-se com os miúdos junto conosco!

HIÉROCLES

Essa não! E eu?

TRIGEU
Coma a Sibila!

HIÉROCLES
Bem, mas vocês não vão comer tudo sozinhos! Ao menos um pouquinho eu vou levar. Isso está aí para todos.

(Tenta servir-se)

TRIGEU
(Ao CRIADO)

Pau neles! Pau no Bácsis!

HIÉROCLES
Protesto!

TRIGEU

Eu também, pois você é um salafrário e um impostor!

(Ao CRIADO)

Pau nele, sem parar! Dê uma boas porretadas nesse impostor!

CRIADO

Dê o senhor. Eu vou arrancar dele os outros cornos de carneiro que ele surriprou.

TRIGEU

Você vai ou não vai deixar esses couros aí, seu sacrificador? Você entendeu?

(HIÉROCLES sai correndo)

Que lindo urubu chegou da província! Você não vai voltar correndo para a sua terra? (144).

(TRIGEU e o CRIADO tomam a entrar)

CORO

Como eu estou alegre! Quanta satisfação eu sinto, agora que me livreii do capacete de guerra, do queijo e das cebolas! (145). Não é de combates que eu gosto; eu quero é ficar sentado num cantinho perto do fogo e beber à vontade com meus amigos, depois de botar no fogo a lenha estalando de seca pelo sol do verão; torrar amendoim beijando a empregada (146) enquanto minha mulher toma banho!

CORIFEU

É isso mesmo! Nada é mais gostoso, depois de fazer a sementeira, que ver a chuva mandada pelos deuses e ouvir um vizinho dizer: “O que é que vamos fazer agora, compadre? (147). Eu gostaria de beber até não poder mais enquanto o deus nos manda coisas boas. Vamos, mulher! Mande fazer três panelas de feijão misturado com trigo e traga figos para a gente. Mande a criada chamar o escravo que está cuidando da lavoura (148); hoje não vai ser possível podar as parreiras nem espalhar a terra, pois o campo está alagado. Traga lá de dentro umas perdizes assadas (148-A). Tinha também um pouco de leite lá dentro e quatro pedaços de lebre (a não ser que o gato os tenha comido ontem de noite, pois eu ouvi um barulho esquisito, barulho de coisa caindo), ô rapaz! Traga três para nós e dê um a seu pai! Peça ramos de mirto com bagas ao vizinho da esquerda e de passagem grite para o vizinho da frente (148-B) vir tomar uns tragos conosco, pois os deuses nos favorecem e facilitam o nosso trabalho.”

CORO

E quando a cigarra canta docemente eu gosto de passar em revista minhas parreiras, para ver se as uvas amadurecem (elas são temporãs); vejo os figos verdes crescerem; depois, quando eles estão maduros, engulo-os de uma vez, cantarolando; e preparo logo um chá de erva-doce (148-C); e eu engordo um bocado no verão...

CORIFEU

Isso é muito melhor do que ficar olhando um militar odiado pelos deuses, com seus três penachos e sua capa purpurina, que ele diz que foi tingida com púrpura verdadeira (149); mas se ele é obrigado a combater, a capa fica tingida mesmo é de amarelo-merda (150). Depois ele é o primeiro a dar no pé, como um cavalo com asas de galo, cor de burro quando fuge (151), agitando seus penachos, enquanto eu fico para trás com meus troços. E quando voltam do campo de batalha ficam com neurose de guerra e vão convocar mais soldados, recrutando uns e dispensando outros, baralhando as listas do serviço militar duas e três vezes. “Parta amanhã para a linha de frente!” E o cidadão não tem tempo nem para arrumar o farnel, pois nem sabia que teria de partir; de repente vê, estupefato, o seu nome no local onde são afixados os avisos de convocação (152) e, sem saber o que pensar dessa desgraça, sai correndo com lágrimas nos olhos. É assim que eles nos tratam, a nós, gente pacata do interior. Com os moradores da cidade eles são menos ruins, esses largadores de escudos à vista dos deuses e dos homens. Um dia eles vão prestar contas dessas coisas todas, se os deuses quiserem, pois eles me maltrataram um bocado, leões em casa e raposas nos combates.

(TRIGEU volta com o CRIADO)

(Vêem-se, já próximos, um FABRICANTE DE FOICES com seu produto, e um FABRICANTE DE JARRAS para vinho, com algumas jarras)

TRIGEU

Puxa! Quanta gente vem aí para o banquete nupcial!

(Ao CRIADO)

Vamos, limpe a mesa com isto (153), pois isto agora não serve para mais nada. Depois ponha na mesa os doces de farinha fina e as perdizes e muitos pedaços de lebre e bolinhos.

FABRICANTE DE FOICES
Onde é que você está, Trigeu?

TRIGEU

Estou cozinhando perdizes.

FABRICANTE DE FOICES

Trigueu, meu grande amigo! Quanta coisa boa você nos proporciona trazendo a Paz de volta! Até agora ninguém comprava foices, nem por um centavo; hoje eu estou vendendo foices por uma nota violenta (154).

(Indicando o FABRICANTE DE JARRAS,

Este meu chapa aqui está vendendo por um dinheirão as jarras dele. Você pode ficar com as foices e jarras que quiser sem pagar nada, Trigueu.

(Entregando outros objetos a TRIGEU)

Tome tudo isso também; nossos negócios estão indo tão bem que o lucro dá de sobra para estes presentes de casamento.

TRIGEU

Muito obrigado, pessoal. Ponham tudo isso lá em casa e fiquem para o banquete; eu ainda não posso entrar; estou vendo um fabricante de armaduras vindo para cá com uma cara de vítima que dá pena.

(Entra um FABRICANTE DE ARMADURAS, seguido de outros fabricantes e beneficiários de produtos bélicos: FABRICANTES E VENDEDORES DE PENACHOS PARA CAPACETES, DE COURAÇAS, DE CLARINS MILITARES, DE CAPACETES, DE LANÇAS, cada um trazendo o produto com que trabalha)

FABRICANTE DE PENACHOS

(Cambaleando)

Ah! Trigueu! Você me arruinou completamente! Veja em que estado eu me encontro!

TRIGEU

O que é que há, infeliz? Você vai mal das pernas?

FABRICANTE DE PENACHOS

Você desgraçou a minha profissão e a minha vida.

(Indicando o FABRICANTE DE CAPACETES)

E a dele também. E a do fabricante de lanças ali adiante também.

TRIGEU

Quanto é que você quer por esses dois penachos?

FABRICANTE DE PENACHOS
Quanto é que você oferece?

TRIGEU

O que eu ofereço? Tenho até vergonha de dizer. Em todo o caso, como a haste dá muito trabalho eu dou três pacotes de figos secos. Esses troços vão servir para espanar a mesa.

FABRICANTE DE PENACHOS

Está bem. Vá lá dentro buscar os figos.

(Ao FABRICANTE DE CAPACETES)

Que jeito? Antes isso do que nada, meu caro.

TRIGEU

(Voltando com os penachos)

Leve isso para o inferno! Fora de minha casa! Eles estão soltando o pêlo; não valem nada. Não vou dar nem um figo por eles, nem unzinho!

FABRICANTE DE COURAÇAS

O que é que eu vou fazer com esta couraça cara às pampas (155), tão bem ajustada? Eu sou mesmo um infeliz!

TRIGEU

Não tenha medo que você não vai perder tudo. Me dê a couraça pelo preço de custo; até que ela dá um penico legal!

FABRICANTE DE COURAÇAS

Pare de me humilhar! Você está menosprezando o meu produto.

TRIGEU

(Tentando sentar na couraça)

Assim, escorada com três pedras. Não é genial?

FABRICANTE DE COURAÇAS

E como é que você vai-se limpar, seu idiota?

TRIGEU

Por aqui, passando a mão por este buraco, e por aqui.

FABRICANTE DE COURAÇAS

Então é com as duas mãos ao mesmo tempo?

TRIGEU

É sim, para não se aproveitarem do outro buraco... (156).

FABRICANTE DE COURAÇAS

Mas você vai usar para penico um assento tão caro?

TRIGEU

Vou, seu patife! Você acha que meu traseiro não vale muito mais do que isso?

FABRICANTE DE COURAÇAS

Vá lá. Me dê o dinheiro.

TRIGEU

Mas ela me machuca a bunda, meu amigo! Leve esse troço. Não quero mais ficar com ela.

VENDEDOR DE CLARINS

E eu? O que é que vou fazer com este clarim de guerra que custou tão caro?

TRIGEU

Ponha chumbo no buraco e ele pode servir para botar vinho.

VENDEDOR DE CLARINS

Como eu sou infeliz! Você está zombando de mim!

TRIGEU

Então eu vou dar outro conselho: ponha chumbo no buraco, como eu já disse; depois, com um cordão, amarre os pratos de uma balança nele; você vai ter com que pesar os figos que der para seus escravos comerem.

FABRICANTE DE CAPACETES

Ah! Destino implacável! Você me arruinou! Estes dois capacetes valem uma fortuna. E agora? O que é que eu vou fazer? Quem vai comprar isso?

TRIGEU

Venda esses troços aos egípcios. Isso serve para medir as ervas purgativas que eles usam (157).

FABRICANTE DE COURAÇAS

Coitados de nós, vendedor de capacetes!

TRIGEU

Ele não perdeu nada.

FABRICANTE DE COURAÇAS

Como não perdeu? O que é que se pode fazer agora com esses capacetes?

TRIGEU

Ele que aprenda a fabricar umas asas como essas aí, (*mostrando as orelhas do fabricante*) para pregar nos capacetes. Ele vai ganhar muito mais dinheiro do que ganhava, vendendo isso como taças (157-A).

FABRICANTE DE COURAÇAS

É... O jeito é nós irmos embora...

TRIGEU

(Aproximando-se do FABRICANTE DE LANÇAS)

Não senhor! Eu quero comprar estas lanças.

FABRICANTE DE LANÇAS
E quanto você dá por elas?

TRIGEU

Partidas em duas, eu pago uma boa grana pelo cento. Elas podem servir de estacas na minha lavoura.

FABRICANTE DE LANÇAS

Isto é um insulto!

(Ao FABRICANTE DE COURAÇAS)

Vamos embora, companheiro!

(Saem todos os FABRICANTES e VENDEDORES)

TRIGEU

Tudo azul. Os garotos já estão por aí, urinando pelos cantos; parece que eles vão ensaiar as músicas que vão cantar em coro na festa de casamento.

(Aos GAROTOS que chegam)

O que é que vocês vão cantar, meninos?

(Um MENINO diz alguma coisa em voz baixa)

Repita isso aqui perto de mim.

PRIMEIRO MENINO

(Cantando)

“Primeiro eu canto a glória “das tropas juvenis...”

TRIGEU

Pare de cantar as tropas juvenis, desgraçado três vezes! Nós já estamos em paz.

PRIMEIRO MENINO

“Tão pronto se aproximam,
“atiram-se ardorosos
“de encontro aos inimigos
“fazendo retumbar
“escudos contra escudos.”

TRIGEU

Escudos? Você quer parar de falar em escudos?

PRIMEIRO MENINO

“E logo os bons guerreiros

“misturam-se e confundem

“seus gritos e gemidos

“de dor e de vitória.”

TRIGEU

Gemidos de guerreiros! Você é que vai gemer por causa desses “gemidos e escudos”!

PRIMEIRO MENINO

Então o que é que o senhor quer que eu cante?

TRIGEU

(Cantando)

“comeram carne de boi...

” e coisas gostosas assim:

“No almoço foram servidos os pratos mais saborosos.”

PRIMEIRO MENINO

“Comeram carne de boi...

“E as rédeas afrouxaram

“dos sôfregos cavalos,

“cansados de batalhas.”

TRIGEU

Já melhorou. Eles estavam cansados de batalhas e começaram a comer. Continue. Conte como eles se sentiam depois de encher a barriga.

PRIMEIRO MENINO

“E quando terminaram
“sentiram-se mais fortes;
“saíram dos abrigos
“e um brado interminável
“subiu até o céu.”

TRIGEU

Tomara que você tenha um triste fim, seu patifinho, você e seus combates! Você só sabe cantar coisas de guerra! Um momento! De quem você é filho?

PRIMEIRO MENINO
Eu?

TRIGEU
Sim, você.

PRIMEIRO MENINO
De Lâmaco (158).

TRIGEU

Tinha de ser! Você não podia deixar de ser filho de um desses gaiatos que fazem tudo para haver guerra e depois são os primeiros a gemer por causa dela. Levante acampamento e vá cantar para essa gente que só tem mãos para pegar em lanças.

(O PRIMEIRO MENINO se retira)

Onde é que eu vou encontrar o filho de Cleônimo? (159).

(Apresenta-se outro MENINO)

Cante alguma coisa antes de entrar, garoto. Eu sei que você não vai cantar essas bobagens de guerra, pois você é filho de um pai certinho.

SEGUNDO MENINO

“Algum soldado Saiano

“agora está todo prosa

“com aquele escudo glorioso

“que tive de jogar fora” (160).

TRIGEU

É para seu pai que você está cantando isso, boboca?

SEGUNDO MENINO

“Mas cu salvei minha vida...”

TRIGEU

“Vergonha para teus pais...”

Mas em todo o caso vamos lá para dentro. Tenho certeza de que você nunca mais vai esquecer isso que você cantou sobre o escudo, sendo filho de um pai como o seu.

(O SEGUNDO MENINO entra, TRIGEU fica em cena e dirige-se ao CORO)

Vocês que ficaram aqui, agora tratem de trincar, de mastigar tudo isso e de não remar no vazio. Vamos! Metam os peitos e ataquem a comida com a queixada bem preparada. Dente foi feito para mastigar.

CORIFEU

Nós só estávamos esperando as suas ordens. Deixe esse trabalho por nossa conta.

(Aos coreutas)

Mandem brasa, vocês que até hoje passaram fome! Empanturrem-se com essas lebres. Vocês sabem que não é todos os dias que se topa com doce dando sopa assim, e sem dono. Mastiguem com dente firme, senão vocês vão-se arrepender. Eu estou avisando!

(O CORIFEU entra)

TRIGEU

Agora entrem também, digam à noiva para vir para cá e acendam as tochas. Quero que o povo todo participe da nossa alegria e da festa. Vai chegar a hora de tornar a levar as nossas ferramentas para o campo, depois de dançar, beber, expulsar Hipérbolo (161) daqui e pedir aos deuses prosperidade para todos os gregos, montes de cevada para todo o mundo, vinho às pampas e figos para papar, filhos para nossas mulheres, a volta de tudo que perdemos e o fim do ferro em brasa.

(Aparece a ABUNDÂNCIA, seguida de criados portando tochas)

TRIGEU

Venha comigo, mulher. Vamos para o campo. Seja boazinha, deite boazinha comigo. Feliz casamento!

CORIFEU

Três vezes feliz! Você está com tudo mas merece. Feliz casamento!

TRIGEU

(Indicando a ABUNDÂNCIA)

O que é que nós vamos fazer com ela?

CORO
Com ela?

TRIGEU

Vamos colher esta uva! (162).

CORO
Vamos!

CORO

Nós, que estamos na frente, vamos carregar o noivo nos ombros, pessoal! Feliz casamento! Feliz casamento!

TRIGEU

É isso mesmo! Agora vocês vão viver felizes, colhendo figos, de boa vida. Feliz casamento! Feliz casamento!

CORIFEU

Ele, grande e grosso; ela, doce como um figo!

TRIGEU

Deixe para fazer o discurso depois de se encher de comida e beber vinho às pampas. Feliz casamento! Feliz casamento!

(Aos ESPECTADORES)

Muitas felicidades, muitas felicidades para vocês! Quem me seguir vai ganhar um doce!

Menandro

O Misanthropo (*)

() Título do original Grego: “DYSKOLOS”*

Personagens PÃ — Deus dos bosques.

CNÊMOM — Misanthropo.

MOÇA — Filha de Cnêmon.

SÓSTRATO — Enamorado da filha de Cnêmon.

QUERÉIAS — Parasita de Sótrato.

PÍRRIAS — Escravo de Sótrato.

GÓRGIAS — Irmão, por parte de mãe, da filha de Cnêmon.

DAOS — Escravo de Górgias.

SÍCON — Cozinheiro.

CALÍPIDES — Pai de Sótrato.

GETAS — Escravo de Calípides.

SIMICA — Velha criada de Cnêmon.

MÃE DE SÓSTRATO

PLANGON — Irmã de Sótrato.

PARTENIS — Tocadora de flauta.

MIRRINA — Mãe de Górgias (mulher de Cnêmon).

DÔNAX — Tocador de flauta.

Primeira representação da peça: 317-316 antes de Cristo, em Atenas. Época da ação: aproximadamente a mesma da representação.

Resumo da Peça

Um misantropo (Cnêmon) vivia em suas terras sozinho com sua filha. A mãe desta, que ao casar com o misantropo já tinha um filho de enlace anterior (Górgias), deixou o misantropo logo após o nascimento da filha, por causa do mau gênio dele. Fortemente apaixonado pela moça, Sóstrato (rapaz rico morador na cidade) vai procurar o misantropo para pedir-lhe a mão da filha, porém, este opõe-se ao casamento. Sóstrato conseguiu obter as boas graças do irmão da moça (Górgias), mas este não sabia como arranjar o casamento. Mas Cnêmon, ao cair um dia num poço, foi prontamente salvo por Sóstrato. Reconcilia-se, então, com sua mulher, dá sua filha em casamento a Sóstrato e aceita a irmã deste como noiva de Górgias (seu enteado), mudando de temperamento e tomando-se um homem bem humorado.

Cenário:

(A peça desenrola-se em File, povoado na encosta do monte Parnes, nos confins da Ática e da Beócia. O cenário representa, ao centro, a entrada de uma gruta dedicada a Pã, habitada por Ninfas; perto da entrada, uma estátua de Pã; de cada lado uma casa: à esquerda a de CNÊMOM, à direita a de seu enteado GÓRGIAS)

Primeiro Ato

Prólogo Pã

(Saindo da gruta a ele dedicada)

Imaginem que o lugar da cena é File, na Ática; a gruta das Ninfas, de onde estou saindo, é exatamente o santuário bem visível, pertencente aos filásios, gente capaz de fazer crescer plantas nos rochedos desta região. Na propriedade ali à minha direita (1) mora Cnêmon, homem cheio de rancor para com seus semelhantes, zangado com todo o mundo e inimigo da sociedade. Digo sociedade? Ele já é um bocado velho; pois bem, durante toda a sua existência ele nunca iniciou conversa alguma, nunca dirigiu a palavra primeiro a ninguém, a não ser para me reverenciar (constrangido por nossa vizinhança) quando passa diante de mim, Pã; e ainda assim de má vontade, eu bem sei.

Com um temperamento assim ele casou com uma viúva, cujo marido morrera, deixando-lhe um filho de tenra idade. Não se contentando com discutir com ela o dia todo, ele ainda consumia assim a maior parte da noite; viviam pessimamente. E tiveram uma filha; foi ainda pior. Como a desventura deles ultrapassasse tudo que se pode imaginar, e sua vida fosse apenas sofrimento e amargura, a mulher voltou para junto do filho nascido do primeiro casamento. Este possuía uma pequena propriedade, aqui nos arredores; é lá que ele hoje proporciona uma vida apertada à sua mãe, a si mesmo e a um único escravo, criado fiel deixado por seu pai. Esse rapaz já é um homenzinho e tem o espírito mais maduro que a idade. Nada como a experiência da vida para formar as pessoas.

Quanto ao velhote, vive sozinho com a filha e uma velha criada, carregando lenha, cavando a terra com a enxada, para cima e para baixo o tempo todo e detestando todo o mundo, por atacado, a começar aqui por seus vizinhos e sua mulher até o pessoal de Colarges (2), lá embaixo. A moça tomou-se o que seria de esperar de sua educação: ignora tudo que é ruim. O zelo com que ela se dedica à sua devoção e às homenagens às Ninfas, minhas companheiras, levou-nos a pensar em fazer alguma coisa por ela. Um rapaz cujo pai, muito rico,

cultiva nesta região terra que valem milhões (3) mas vive na cidade, veio caçar por aqui com um companheiro; chegou a estas paragens por acaso e fez com que ele comesse a perder a cabeça por ela. Aí estão as linhas gerais da ação. Os detalhes vocês verão, se quiserem. Mas é tempo de querer, pois parece que estou vendo aproximar-se o apaixonado com seu companheiro de caça; eles estão conversando sobre o assunto.
(PÃ torna a entrar no santuário)

Cena 1

QUERÉIAS, SÓSTRATO (entrando pela direita)

QUERÉIAS

O que é que você está dizendo, Sótrato? Você viu uma moça de família indo coroar as Ninfas vizinhas e se apaixonou por ela à primeira vista?

SÓSTRATO

À primeira vista.

QUERÉIAS

Que pressa! Antes de sair você já tinha resolvido se apaixonar?

SÓSTRATO

Você está caçoando, Queréias, mas o meu mal é sério.

QUERÉIAS

Não duvido.

SÓSTRATO

É justamente por isso que estou aqui, confiante em seu apoio neste caso, pois vejo em você um amigo e a pessoa mais indicada para resolvê-lo bem.

QUERÉIAS

Em situações como esta, Sótrato, eu sou assim: um amigo apela para mim num caso de amor por uma vigarista? Na mesma hora eu aproximo os dois, levo o amigo até ela, me entusiasmo, toco fogo, não admito o menor apelo à razão. Tenho de consegui-la para ele, sem procurar saber quem ela é. É batata: a espera aumenta ainda mais a paixão, ao passo que uma ação imediata acaba prontamente com ela. Trata-se de casamento de moça de família? Aí eu sou outro homem: tomo informações sobre a família, os bens, o caráter, pois deixo com meu amigo para o resto da vida uma recordação ligada à minha conduta no caso.

SÓSTRATO

Muito bem!

(À parte)

Mas isso não me agrada, absolutamente.

QUERÉIAS

Seja como for, faça questão primeiro dessas informações.

SÓSTRATO

Hoje cedinho eu mandei Pírrias, lá de casa, que estava conosco na caçada...

QUERÉIAS

Aonde?

SÓSTRATO

...procurar o próprio pai da moça ou o dono daquela casa, seja quem for.

QUERÉIAS

Valha-me um deus! (3-A). — O que é que você está dizendo?

SÓSTRATO

Dei uma mancada, pois um escravo não era a pessoa indicada para uma missão desse gênero; mas quando se ama não é fácil ver o que melhor convém aos seus interesses. A propósito, já estou perguntando a mim mesmo, há muito tempo, qual será o motivo dessa demora dele, pois eu disse a ele para tornar a me procurar logo que conseguisse as informações aqui!

Cena 2

Os mesmos, PÍRRIAS (entrando esbaforido pela esquerda) PÍRRIAS

Voltem! Atenção! Saia todo o mundo daqui! Um louco está me perseguindo!

SÓSTRATO

O que foi que aconteceu com você, rapaz?

PÍRRIAS

Fujam!

SÓSTRATO

O que é que há!

PÍRRIAS

Ele está jogando torrões de terra e pedras em mim! Estou morto!

SÓSTRATO

Estão jogando alguma coisa em você? Para onde você está fugindo, desgraçado?

PÍRRIAS

(Olhando para trás)

Então ele não está mais me perseguindo?

SÓSTRATO

Não, não está.

PÍRRIAS

Eu pensava que ele ainda estivesse!

SÓSTRATO

Então o que é que você tem a dizer?

PÍRRIAS

Vamos embora! Eu lhe suplico!

SÓSTRATO

Para onde?

PÍRRIAS

Longe desta porta, longe daqui, o mais longe possível! O indivíduo que mora naquela casa ali, e que o senhor me mandou procurar, é um filho da cólera, um possesso ou um maluco! É uma fera! Só faltei quebrar todos os dedos dos pés de tanto tropeçar!

SÓSTRATO

(A QUERÉIAS)

Será que ele fez alguma bobagem lá?

QUERÉIAS

Parece que fez...

PÍRRIAS

Pelos deuses, que eu morra se fiz, Sóstrato! Cuidado! Mas não posso falar: perdi o fôlego. Depois de bater na porta da casa eu disse: “Vão procurar o dono!” Aí apareceu uma velha triste. Do mesmo lugar onde eu falo neste instante, aqui em pé, ela me mostrou o cara, que ia e vinha — a peste acabe com ele! — em cima daquele montinho ali na baixada, apanhando peras selvagens e paus... para fazer uma canga que ele merecia levar no pescoço! (4).

SÓSTRATO

Que raiva!

PÍRRIAS

O que, meu caro? Eu avançava pelo terreno, na direção dele, e ainda de longe, querendo ser um modelo de amabilidade e de jeito, comecei os cumprimentos: “Eu vim procurar o senhor para uma certa coisa, pai — como direi — ansioso para que o senhor tome conhecimento de um certo caso que lhe interessa.” Mas ele nem esperou que eu acabasse. “Você invadiu minhas terras, maldito? O que é que você está pensando?” Aí ele apanhou um torrão e jogou bem no meio da minha fisionomia!

QUERÉIAS

Que ele vá para o inferno!

PÍRRIAS

Aí, enquanto eu fechava os olhos e dizia: “Que os deuses (5) te...” ele pegou uma estaca e começou a me “alisar” com ela, falando: “Por que você veio se meter comigo? Você não conhece o caminho público?” E dava cada grito fino!...

QUERÉIAS

Esse casca grossa de quem você está Mando é um doido varrido.

PÍRRIAS

E para rematar ele correu atrás de mim um tempão (6), primeiro dando voltas no montinho, depois montinho abaixo até esta moita, me malhando com torrões, com pedras, com peras quando não tinha mais nada para jogar em mim. Que barbaridade! O velho é completamente maluco. Vão embora, por favor!

SÓSTRATO

Você Ma como um covarde.

PÍRRIAS

Vocês não podem imaginar a peste que ele é. Ele vai nos devorar!

QUERÉIAS

Talvez ele tenha tido algum aborrecimento hoje. Eu até acho que se deve adiar a visita a ele, Sóstrato. Você bem sabe que tudo tem sua hora certa.

PÍRRIAS

Tenham juízo!

QUERÉIAS

Ninguém é mais ranzinza que um casca grossa pobre; não é só este; são quase todos. Pois bem: amanhã cedo eu vou vê-lo sozinho, pois sei onde ele mora.

(Dirigindo-se a SÓSTRATO)

Agora volte para casa e tenha paciência. Tudo vai acabar bem.

PÍRRIAS

Vamos fazer o que ele diz.

SÓSTRATO

(À parte)

Ele está feliz com essa desculpa que arranjou. Eu já tinha percebido que ele me acompanhava contra a vontade e era contra a idéia desse casamento.

(Dirigindo-se a PÍRRIAS)

Quanto a você, miserável, que os deuses lhe mandem a pior morte! (7).

PÍRRIAS

Que mal eu lhe fiz, Sóstrato?

SÓSTRATO

Naturalmente você roubou alguma coisa no terreno dele!

PÍRRIAS

Eu? Roubar?

SÓSTRATO

E alguém havia de castigar você sem você ter culpa?

PÍRRIAS

(Olhando assustado para um lado)

E esse alguém vem aí!

SÓSTRATO

É ele mesmo?

PÍRRIAS

Eu vou andando!

(Sai correndo e entra na caverna das Ninfas)

SÓSTRATO

(A QUERÉIAS)

Meu amigo do peito, fale você com ele.

QUERÉIAS

Eu não posso fazer isso. Nunca tive boa conversa. E você? O que é que você diz desse sujeito?

(QUERÉIAS sai pela direita)

SÓSTRATO

(Só)

O ar dele não parece muito cordial. Que cara amarrada! Vou me afastar da porta. É melhor. Mas agora ele vem aí, gritando sozinho enquanto anda. Ele não parece muito satisfeito. Dá até medo (por que não dizer a verdade?).

Cena 3

SÓSTRATO, CNÊMOM (entrando pela esquerda)

CNÊMOM

Então diante disso o famoso Perseu não era duplamente feliz (8), ele que com suas asas podia evitar encontros com esses seres que ciscam a terra com os pés, e

além disso tinha uma coisa que servia para petrificar aqueles que azucrinavam a paciência dele! (9). Ah! Se eu também tivesse a mesma coisa hoje! Ia haver estátua de pedra por aí aos montes! Não se pode mais viver! Agora eles invadem minhas terras para falar comigo. Será que eu costumo passar o meu tempo na beira da estrada, eu, que nem cultivo essa parte do meu terreno, que abandonei essas paragens por causa da gente que passa por aqui? Pois bem! Agora eles sobem o morro para me perseguir! Ah! Bando de gente alucinada!

(Notando a presença de SÓSTRATO)

Que azar! E agora, quem é este outro, plantado defronte da minha porta?

(Aproxima-se de SÓSTRATO em atitude ameaçadora)

SÓSTRATO

(À parte)

Será que ele vai me bater?

CNÊMOM

Não se pode mais encontrar solidão em parte alguma, nem mesmo para se enforcar se der vontade!

SÓSTRATO

(À parte)

É comigo que ele está queimado.

(Dirigindo-se a CNÊMOM)

Estou esperando alguém aqui, pai; marquei um encontro...

CNÊMOM

O que é que eu estava dizendo? Vocês pensam que isto aqui é um portão para encontros ou uma praça pública? Se é na minha porta que você quer ver alguém, arranje logo tudo direitinho: fabrique um banco, se você tiver cabeça para isso, ou melhor, uma sala de reuniões. Sou mesmo um azarado! Esses vexames são a minha desgraça!

(CNÊMOM entra batendo ruidosamente a porta)

SÓSTRATO

(Só)

O esforço que essa proeza exige não é desses de todos os dias; vai ser preciso um mais sério, não há dúvida. Será que eu devo ir procurar Getas, o escravo de meu pai? Vou sim! Ele é um bocado vivo e resolve qualquer problema; tenho certeza de que num instante ele dá um jeito no mau gênio desse camarada. Não me agrada a idéia de coisa nenhuma que possa retardar a realização do meu projeto. Muita coisa pode acontecer num dia só. Mas estou ouvindo barulho na porta; alguém vai sair!

Cena 4

SÓSTRATO, MOÇA (filha de Cnêmon) com um cântaro.

MOÇA

(Sem ver SÓSTRATO)

Coitada de mim, tão infeliz! E agora? O que é que vou fazer? A criada deixou cair o balde no poço quando tirava água!

SÓSTRATO

(À parte)

Por todos os deuses! Ela é de uma beleza sem igual!

MOÇA

E papai quando saiu me disse para esquentar a água!

SÓSTRATO

(À parte)

Sim senhor! Que espetáculo! (10).

MOÇA

Se ele descobrir vai matar a criada de tanta paulada. Não posso perder tempo.

(Dirige-se à gruta das Ninfas)

Queridas Ninfas, vou ter de apanhar água na vossa gruta.

(Pára antes de entrar)

Parece que alguém está lá dentro em devoção. Tenho medo de incomodar.

SÓSTRATO

(Aparecendo)

Bem... Se você quiser me dar o prazer eu vou encher o cântaro para você.

MOÇA

(Entregando o cântaro)

Pois não! Encha depressa! (11).

SÓSTRATO

(À parte, enquanto entra na gruta das Ninfas)

Para quem vive no campo, ela tem muito desembaraço!

MOÇA

Ah! Deuses! Que anjo bom me salvará? Coitada de mim! Quem mexeu na porta? Será que papai vai sair? Ele vai me moer de pancadas se me encontrar aqui fora!

(Torna a entrar em casa)

Cena 5

DAOS, SÓSTRATO, MOÇA

DAOS

(Saindo da casa de GÓRGIAS e dirigindo-se à mãe deste, que não é vista) Faz um tempão que estou aqui servindo à senhora, enquanto o patrão está-se esfalfando sozinho com a enxada. Tenho de ir para junto dele.

(À parte)

Maldita pobreza! Por que você é esse castigo para a gente? Por que você não se cansa de estar aqui com a gente, intrometida na nossa vida?

SÓSTRATO

(Mostrando o cântaro à MOÇA, que reapareceu na porta entreaberta da casa de CNÊMOM) Pronto. Está aqui.

MOÇA

Traga aqui!

DAOS

(À parte)

O que é que este homem quer?

SÓSTRATO

(A MOÇA, que torna a entrar depois de receber o cântaro)

Até a vista e cuide de seu pai.

(À parte)

Como eu sou infeliz!

Cena 6

PÍRRIAS, SÓSTRATO, DAOS

PÍRRIAS

(Saindo de seu esconderijo na gruta)

Pare de gemer, Sótrato! Vai dar tudo certo.

SÓSTRATO

O que é que vai dar certo?

PÍRRIAS

Não tenha receio. Faça o que você estava querendo fazer há pouco; vá procurar Getas e volte depois de explicar bem o caso todo a ele.

(PÍRRIAS e SÓSTRATO saem)

DAOS

(Só)

Que doença será esta? Isso não está-me agradando nem um pouco. Um rapaz assim bancando o criado de uma moça! É uma pena. Quanto a você, Cnêmon, que os deuses lhe dêem uma morte miserável. Você deixa uma moça inocente como esta no abandono, sem ter o menor cuidado com ela, como é seu dever. Naturalmente o rapaz soube disso e se atirou para o lado dela, farejando um bom bocado. Mas de qualquer maneira eu tenho de explicar a situação ao irmão dela já e já, para podermos zelar pela moça. É o que eu vou fazer agora; está decidido. É, mas estou vendo uns devotos de Pã dirigindo-se para cá, ligeiramente bebidos.

(Sai DAOS)

O CORO, composto de devotos de PÃ, executa danças à guisa de intervalo)

Segundo Ato

Cena 1

GÓRGIAS, DAOS

GÓRGIAS

E você tomou conhecimento do caso com essa calma?

DAOS

Como?

GÓRGIAS

Você devia tratar imediatamente de saber quem era esse rapaz que cortejava a minha irmã e dizer a ele para ter cuidado, senão ele vai arrepender-se. Em vez disso você ficou de lado, como se o caso não fosse conosco. Não se pode ficar indiferente aos laços de sangue, Daos. Trata-se de uma irmã; eu ainda me interesso por ela. Se o pai dela acha que deve viver como um estranho em relação a nós, não vamos imitar a conduta grosseira dele, pois se ela for desonrada eu também vou ficar humilhado. Quem olha as coisas de fora não vê o verdadeiro responsável; só vê o resultado.

DAOS

Mas o velho me fez ficar com medo, Górgias. Se ele me vir perto da porta, me pega na mesma hora.

GÓRGIAS

Ele não é fácil de levar. Ninguém que enfrenta o velho sabe como dar um jeito nele ou pode mudar os sentimentos dele com argumentos. Se se pensar em recorrer à violência, a lei estará a favor dele para impedir; não há razões que dobrem o caráter dele.

DAOS

Um momento! Não vamos perder o nosso tempo; como eu previa, ele está de volta.

GÓRGIAS

Aquele com a capa? É dele que você fala?

DAOS

É ele mesmo!

GÓRGIAS

Um malandro! Logo se vê pelo jeito dele!

Cena 2

Os mesmos, SÓSTRATO
SÓSTRATO

(Sem notar os outros)

Não encontrei Getas lá em casa. Minha mãe ia oferecer um sacrifício a algum deus (não sei qual é desta vez, pois ela não faz outra coisa; vive oferecendo sacrifícios pelos quatro cantos do bairro) e mandou Getas arranjar um cozinheiro. Eu fugi do sacrifício e voltei para ver o que há por aqui; resolvi acabar com essas idas e vindas e eu mesmo vou falar em meu próprio nome.

(Dirigindo-se à porta de CNÊMOM) Vou já bater nesta porta para acabar com essas indecisões.

GÓRGIAS

Você permite que eu lhe fale seriamente, rapaz?

SÓSTRATO

É claro. Fale!

GÓRGIAS

Eu penso que há sempre um limite para a situação em que todos os homens se encontram, seja para os que vão bem, seja para os que vão mal, e quem tem sorte pode prolongar a boa vida enquanto desfrutar de sua situação sem cometer injustiças; mas quando comete, levado pelas tentações da riqueza, é aí que eu creio que ele começa a mudar para pior. E os pobres, se não cometem erros em suas dificuldades e suportam valentemente seu destino, um dia passam a confiar em si mesmos e então a sorte pode mudar para eles. A razão dessas palavras? Por mais rico que você seja, resista à tentação de se prevalecer dessa condição; e também evite fazer pouco de nós, os pobres; mostre-se digno aos olhos dos outros de conservar para sempre a sua fortuna presente.

SÓSTRATO

Você vê alguma coisa errada em minha conduta atual?

GÓRGIAS

Você parece estar com más intenções, com idéias de seduzir uma moça de família, procurando oportunidade para cometer uma ação que mereceria ser castigada com muitas mortes.

SÓSTRATO

Deuses!

GÓRGIAS

De qualquer modo, não é justo que essa boa vida que você leva nos cause aborrecimentos, a nós, que temos de trabalhar. Fique sabendo que não há ninguém no mundo mais intratável que um pobre injustiçado; primeiro, ele fica

num estado que dá pena; depois, ele acha que essas coisas são fruto da arrogância e não da injustiça.

SÓSTRATO

Pelo bem que eu lhe desejo, rapaz, me dê um momento de atenção!

DAOS

Muito bem, chefe! Por todos os bens que lhe desejo...

SÓSTRATO

Você também, falador, preste atenção. Eu vi uma moça aqui e me apaixonei por ela. Se você acha que isso é crime, então eu sou criminoso. É preciso dizer mais alguma coisa? Se vim até aqui, não foi para encontrá-la; foi para ver o pai dela, pois bem nascido como sou, sem precisar de nada, estou disposto a recebê-la sem dote, e além disso me comprometo a querê-la para sempre. Se eu estiver aqui com más intenções, rapaz, ou com o intuito de tramar alguma coisa errada escondido de vocês, que agora mesmo Pã, que está ali, e as Ninfas junto com ele, me paralisem aqui mesmo defronte desta casa! Fique sabendo que estou desconcertado, e muito, por ter causado essa má impressão a você!

GÓRGIAS

Bem... Se eu também lhe disse alguma palavra mais dura do que seria de esperar, não se aborreça mais por isso. Retiro o que disse e ao mesmo tempo você pode contar com um amigo em mim. Não é como um estranho; é como irmão da moça, por parte de mãe, que estou lhe dizendo estas coisas, meu caro.

SÓSTRATO

E além disso você ainda vai-me ajudar muito no que me resta fazer.

GÓRGIAS

Como ajudar muito?

SÓSTRATO

Vejo em você um caráter nobre...

GÓRGIAS

Não quero dizer para você ir embora usando pretextos tolos; quero revelar a você a realidade das coisas. O pai dela é um homem como nunca houve outro igual, nem no passado, nem nos nossos dias.

SÓSTRATO

É um homem difícil; eu já comecei a conhecê-lo...

GÓRGIAS

Ele é o máximo em matéria de ruindade. Esta propriedade vale sem a menor

dúvida um dinheirão (12). Ele cultivava estas terras sozinho, sem a ajuda de ninguém, nem escravo da casa, nem empregado contratado aqui, nem vizinho, mas somente ele próprio. O grande prazer dele é não ver ninguém. Ele trabalha com a filha ao lado quase todo o tempo; só feia com ela; com outra pessoa ele não Maria facilmente. Ele diz que a filha não casa enquanto não encontrar um pretendente igual a ele.

SÓSTRATO

Você quer dizer; nunca.

GÓRGIAS

Então não procure aborrecimentos, meu caro, pois você estaria se esforçando em vão. Nós, os parentes, é que temos de agüentá-los, já que a sorte nos expõe a eles.

SÓSTRATO

Mas você nunca esteve apaixonado?

GÓRGIAS

Isso não é para mim, rapaz.

SÓSTRATO

Por quê? Qual é o impedimento?

GÓRGIAS

Eu vivo pensando em minhas dificuldades presentes, que não me dão folga para outras coisas.

SÓSTRATO

Parece mesmo que você não tem nenhuma experiência do assunto. Você fez essa pregação toda para eu desistir, mas isso não depende mais de mim; só os deuses podem dar um jeito.

GÓRGIAS

Não temos nada a censurar em seu procedimento, mas você está se atormentando em vão.

SÓSTRATO

Então a moça nunca será minha?

GÓRGIAS

Não, e você vai descobrir isso por si mesmo se você continuar comigo. Ele trabalha naquela baixada ali perto (13).

SÓSTRATO

Como?

GÓRGIAS

Eu puxo a conversa sobre o casamento da moça (até que isso não ia ser

desagradável para mim). No mesmo instante ele vai declarar guerra a todo o mundo, censurando o modo de viver de todos. Mas quando ele vir você assim, sem fazer nada e com esta roupa vistosa, não vai querer nem que você fique na presença dele.

SÓSTRATO

Ele está lá embaixo agora?

GÓRGIAS

Não. Ele sai um pouco mais tarde, para ir pelo caminho de sempre.

SÓSTRATO

Levando a filha com ele, segundo você disse?

GÓRGIAS

Vai ser assim mesmo.

SÓSTRATO

Estou pronto para seguir você até lá. Por favor, me ajude!

GÓRGIAS

Como?

SÓSTRATO

Como? Vamos andando para o lugar de que você falou.

GÓRGIAS

E daí? Enquanto nós trabalhamos você vai ficar de boa vida junto de nós, com essa roupa aí?

SÓSTRATO

Por que não?

GÓRGIAS

De saída ele vai malhar você com uma porção de desaforos: “Maldito! Vagabundo!” Não; você vai ter de pegar na enxada junto conosco. Talvez vendo você trabalhar ele tope, mesmo com você, mu início de conversa, pensando que você é um humilde lavrador.

SÓSTRATO

Estou disposto a obedecer em tudo. Vamos!

GÓRGIAS

Por que se vai meter você nessa confusão?

DAOS

(À parte)

Tomara que a nossa tarefa hoje seja de matar, que ele fique desancado e pare

logo de nos amolar e de vir aqui!

SÓSTRATO

Traga uma enxada!

DAOS

Pegue a minha e siga. Enquanto isso eu vou continuar a trabalhar na cerca; esse serviço também tem de ser feito.

SÓSTRATO

Me dê!

DAOS

(Entregando a enxada a SÓSTRATO)

Eu salvei você.

(A GÓRGIAS)

Eu vou embora, patrão. Depois nós nos encontramos lá embaixo.

(Sai)

SÓSTRATO

A minha situação é a seguinte: morrer agora ou viver com a moça.

GÓRGIAS

Se você fala conforme pensa, seja feliz!

(Sai)

SÓSTRATO

Ah! Deuses venerados! As razões com que quiseram me desviar até agora de minha decisão me estimularam duplamente. Se a moça não se criou entre outras mulheres e não aprendeu as coisas feias da vida por não ter sido criada por alguma parenta ou ama, se foi criada livre dessas coisas, ao lado de um pai rústico mas que tem horror ao mal, então não será uma felicidade tê-la para mim? Mas esta enxada é pesada demais! (14). Ela vai me matar antes. Mas não devo amolecer; já que comecei essa tarefa, tenho de fazer força!

Cena 3

SÍCON, GETAS

SÍCON

Este carneiro é uma peste fora do comum! Que vá para o inferno! Se eu tento carregar o bicho na cabeça, ele se agarra com os dentes num galho de figueira, devora as folhas e dá arrancos violentos. Mas se eu ponho o danado no chão ele não anda de jeito nenhum! Os papéis estão trocados: eu estou com as costas esfoladas por este bicho — eu, o cozinheiro! — de carregá-lo o tempo todo até aqui. Mas felizmente está aqui a gruta das Ninfas, onde vamos sacrificar. Como vai, Pã? Getas, meu filho, você ainda está longe?

GETAS

Essas malditas mulheres amarraram nas minhas costas uma carga para quatro burros!

SÍCON

Parece que vai haver muita gente. Que carregamento de tapetes você traz!

GETAS

O que é que eu vou fazer?

SÍCON

Solte a carga aqui.

GETAS

Já soltei. E se o Pã que ela viu em sonho for o Pã de outra gruta? (15). Vamos ter de continuar a caminhada sem demora para oferecer o sacrifício ao outro.

SÍCON

Quem foi que teve um sonho?

GETAS

Pare de me amolar, homem!

SÍCON

Está bem, Getas, mas me diga quem foi.

GETAS

A patroa.

SÍCON

E que sonho foi?

GETAS

Você vai matar-me! Parecia que Pã...

SÍCON

Você quer dizer: este Pã aqui.

GETAS

Este aqui.

SÍCON

E o que era que ele estava fazendo?

GETAS

Era no filho do patrão; em SÓSTRATO...

SÍCON

Um moço boa pinta. E depois?

GETAS

Ele pregava grilhões... (16)

SÍCON

Que horror!

GETAS

Depois dava um couro de cabra (17) e uma enxada a ele e mandava ele trabalhar no terreno vizinho.

SÍCON

Que absurdo!

GETAS

Pois nós vamos sacrificar para que esse mau agouro horrível não dê em nada.
SÍCON

Compreendo. Tome a apanhar os tapetes e bote lá dentro. Vamos preparar os assentos na gruta e cuidar de tudo mais. Que ninguém venha atrapalhar o sacrifício quando o nosso pessoal chegar! Vamos desejar boa sorte. E você, pobre diabo, pare de franzir a testa! Hoje eu vou empanturrar você direitinho!

GETAS

Eu sempre fui um admirador seu e de sua arte.

(À parte)

Mas não acredito nas suas promessas!

(SÍCON e GETAS entram na gruta) (CORO)

Terceiro Ato

Cena 1

CNÊMOM, a MÃE DE SÓSTRATO, GETAS

CNÊMOM

Saindo de casa e dirigindo-se a SIMICA)

ô velha! Feche a porta e não abra para ninguém enquanto eu não voltar! Eu acho que vai ser quando ficar bem escuro.

(Entra a MÃE DE SÓSTRATO conduzindo o grupo que vem oferecer

o sacrifício, inclusive sua filha, PLANGON e uma flautista) (PARIENIS)

MÃE DE SÓSTRATO

Depressa, Plangon! Já devíamos ter sacrificado!

CNÊMOM

(À parte)

Que significa esta calamidade? Que monte de gente! Vão todos para o inferno!

MÃE DE SÓSTRATO

Toque a música de Pã na sua flauta, Partenis. Parece que é um deus que não se deve reverenciar em silêncio.

GETAS

(Saindo do santuário atraído pelo barulho)

Graças aos deuses vocês ainda estão vivas! Que amolação! Ficamos esperando um tempão por vocês aqui.

MÃE DE SÓSTRATO

Está tudo pronto para o sacrifício?

GETAS

Tudo. O carneiro está no ponto: quase morto.

MÃE DE SÓSTRATO

Que pena!

GETAS

Ele não vai agüentar a demora de vocês. Vamos! Entrem!

MÃE DE SÓSTRATO

Apanhem as cestas, a água lustral, as oferendas.

(Dirigindo-se a um criado)

E você, idiota, o que é que está fazendo aí de boca aberta?

(Entram todos no santuário)

CNÊMOMON

(Só, do lado de fora)

Miseráveis! Morram todos da pior das mortes! Não querem que eu trabalhe, pois não vou deixar a casa abandonada! Essas Ninfas são uma desgraça para mim com essa vizinhança. Vou ter de demolir minha casa e fazer outra mais longe. Mas vejam como esses bandidos sacrificam! Eles trazem cestas, comidas, não para os deuses, mas para eles mesmos. Incenso, bolo de cevada, isso é que é piedoso! É uma oferenda que o deus recebe todinha, quando se põe no fogo. Mas eles consagram aos deuses o rabo e a bexiga (coisa que ninguém come) e

engolem o resto! Ó velha! Abra a porta depressa!

(À parte)

Eu acho que tenho de ficar de olho no que se passa lá dentro!

(Entra em casa)

Cena 2

GETAS, CNÊMOM

GETAS

(Saindo do santuário e dirigindo-se a uma CRIADA que ficara no interior do mesmo) Você está dizendo que esqueceram o caldeirão? Vocês estão completamente bêbedas! E agora? Eu acho que vai ser preciso incomodar os vizinhos do deus.

(Bate à porta da casa de CNÊMOM e chama)

Garoto!

(À parte)

Não; eu acho que não existem empregados mais ordinários em lugar nenhum!

Meninos!

(À parte)

Eles só servem para pensar numa coisa... Meninos bonitos!

(À parte)

...e fazer intrigas com quem percebe. Garoto!

(À parte)

O que é que há de errado por aqui? Meninos! Não há ninguém aí dentro?

(À parte)

Ah! Parece que está vindo alguém!

CNÊMOM

(Abrindo violentamente a porta)

Por que é que você está batendo na minha porta, patife três vezes? Diga, homem!

GETAS

Não precisa me morder!

CNÊMOM

Vou morder sim! Vou até devorar você vivo!

GETAS

Não, por favor!

CNÊMOM

Nós marcamos algum encontro, eu e você, bandido?

GETAS

Não se trata de encontro. Se eu vim procurar você não foi para cobrar nenhuma dívida (não trouxe nenhum oficial de justiça comigo); é para pedir um caldeirão emprestado.

CNÊMOM

Um caldeirão?

GETAS

Um caldeirão!

CNÊMOM

Patife! Você pensa que eu sacrifico bois e procedo como vocês?

GETAS

Eu acho que você não sacrifica nem um caracol! Então passe bem. Foram as mulheres que me mandaram bater na sua porta e fazer o pedido. Você não tem. Eu vou voltar e dizer a elas.

(À parte)

Deuses! Este velho gagá é uma víbora!

(Torna a entrar no santuário)

CNÊMOM

(Aos espectadores)

Essas feras antropófagas! Vão batendo assim na sua porta como se fosse na casa de um amigo! Se eu pilhar um deles se aproximando da minha porta e não fizer dele um exemplo para todo o mundo daqui do lugar, podem dizer que eu sou um homem igual aos outros! Esse que esteve aqui agora, fosse ele quem fosse, não sei como deixei ele ir embora!

(Torna a entrar em casa, batendo a porta com força)

Cena 3

SÍCON, GETAS, CNÊMOM

SÍCON

(Saindo do santuário com GETAS) Que a peste pegue você! Ele insultou você; quem sabe se você foi grosseiro quando fez o pedido?

(Aos espectadores)

Certas pessoas não sabem agir em situações como esta. Eu inventei uma arte para isto. Trabalho na cidade para milhares de fregueses e recorro aos vizinhos; pois bem, consigo utensílios emprestados de todo o mundo! O negócio é saber agradar quando se precisa de alguma coisa. É um velho que abre a porta? Eu chamo logo ele de “pai” e “papai”. Uma velha? “Mãe”! Se é uma solteirona, eu chamo de “eleita dos deuses”. Um empregado eu chamo de “caro amigo”. Mas vocês, até parece que vão enforcar quem atende! Que bobagem!

GETAS

(Batendo à porta de CNÊMOM)

Garoto! Meninos!

SÍCON

(Aos espectadores)

Vocês estão vendo?

(A CNÊMOM, que abre a porta)

Saia, papaizinho. Eu gostaria de falar com o senhor...

CNÊMOM

(A GETAS, que se esconde atrás de SÍCON)

Você de novo?

GETAS

E pelo mesmo motivo.

CNÊMOM

Até parece que você faz isso de propósito, para me provocar! Eu já não proibi você de chegar perto da minha porta?

(Gritando para dentro)

Velha! Me dê a correia!

(Tenta agarrar GETAS)

GETAS

Isto não! Me solte! Me solte!

SÍCON

Sim, caro amigo; por favor!

CNÊMOM

Trate de ir embora!

SÍCON

Que os deuses lhe...

CNÊMOM

Você ainda está falando?

SÍCON

Eu vim pedir uma panela emprestada ao senhor.

CNÊMOM

Eu não tenho panela, nem machado, nem sal, nem vinagre, nem orégão! Já disse claramente a toda essa gente daqui para não chegar perto de mim!

SÍCON

Mas a mim o senhor não disse.

CNÊMOM

Então digo agora!

SÍCON

(À parte)

Sim, e dane-se!

(A CNÊMOM)

O senhor não podia ao menos dizer onde eu posso arranjar uma?

CNÊMOM

O que foi que eu já disse? Você vai continuar conversando?

SÍCON

Então, bom dia!

CNÊMOM

Eu não quero o bom dia de nenhum de vocês!

SÍCON

Então eu não digo bom dia.

CNÊMOM

Ah! Desgraças sem remédio!

(Torna a entrar em casa)

SÍCON

Ele me esquartejou delicadamente!

GETAS

Fazer um pedido com jeito dá nisto... Faz uma diferença!...

SÍCON

Será que vale a pena bater noutra porta? Mas se por aqui esmurram os outros com essa facilidade vai ser difícil.

GETAS

Não é melhor assar a carne toda?

SÍCON

Eu acho que é. Afinal de contas eu tenho uma caçarola. Adeus, moradores do lugar! Vou me arranjar com as coisas que tenho! (17-A).

(SÍCON e GETAS tomam a entrar no santuário)

Cena 4

SÓSTRATO

SÓSTRATO

(Chegando do campo, vestindo uma pele de cabra)

Se vocês quiserem complicações, venham caçar neste lugar (17-B). Três vezes azarado!

(Pondo as mãos nos quadris)

Como doem os meus rins, e minhas costas, e meu pescoço, em uma palavra, meu corpo todo! Fui logo cavando com força, como um rapazola inexperiente;

levantando minha enxada bem alto, como um trabalhador braçal, eu fazia cada buracão... Cavava fundo. Dei duro no trabalho... não por muito tempo; depois eu me virava um pouco, aguardando o momento em que o velhote devia vir junto com a filha, e acabei pondo as mãos na cintura, disfarçadamente, no princípio. Como a demora fosse grande, comecei a sentir câibra; aos poucos fui ficando duro como um pau. Não vinha ninguém. O sol me queimava e quando Górgias olhava para onde eu estava, podia ver o meu corpo levantar com dificuldade e depois baixar como se fosse inteiriço, igual a uma gangorra. Aí ele me disse: “Parece que ele não vem hoje, rapaz.” “Então o que é que vamos fazer?” — disse eu depressa. “Vamos escorá-lo amanhã; hoje é inútil insistir.” E Daos estava lá para me render na enxada. Foi assim a minha primeira ofensiva. E agora estou de novo por aqui, eu mesmo não sei dizer por quê. O meu próprio caso me arrasta para cá, como se eu fosse um autômato.

Cena 5

GETAS, SÓSTRATO

GETAS

(Saindo do santuário, resmungando contra SÍCON)

Que bagunça é esta? Você pensa que eu tenho sessenta mãos, homem? Eu sopro as brasas para você, recebo, carrego, lavo, corto as pelancas... Ao mesmo tempo, amasso, sirvo por todos os lados... E ainda por cima a fumaça me deixa cego. Parece que eu sou o burro de carga da festa.

SÓSTRATO

Getas, meu filho!

GETAS

Quem me chama?

SÓSTRATO

Eu.

GETAS

Mas quem é você?

SÓSTRATO

Você não está vendo?

GETAS

Agora eu vejo. Meu patrãozinho!

SÓSTRATO

O que é que você está fazendo aqui? Diga!

GETAS

O que é? Fizemos um sacrifício e estamos preparando um almoço para vocês.

SÓSTRATO

Minha mãe está aqui?

GETAS

Há muito tempo.

SÓSTRATO

E meu pai?

GETAS

Estamos à espera dele. Mas você devia entrar.

SÓSTRATO

Primeiro vou dar uma chegada aqui perto. De certo modo este sacrifício aqui veio a calhar; vou já convidar aquele rapaz e o criado dele. Depois de tomar parte na cerimônia eles serão preciosos aliados para me ajudar no casamento.

GETAS

O que é que você está dizendo? Você está falando em convidar mais gente para almoçar? Se fosse por mim, vocês podiam ser até três mil. Pela parte que me toca, eu já sei há muito tempo que não vou provar nada. Onde eu havia de

encontrar algum pedaço? Deixem todo o mundo entrar no banquete de vocês. A vítima que vocês ofereceram para o sacrifício está mesmo uma beleza; valia a pena dar uma olhada nela. Mas essas mulherzinhas, gentis como elas são, vão querer dividir alguma coisa comigo? Nem um grão de sal!

SÓSTRATO

Tudo há de sair bem hoje, Getas. É um oráculo que eu mesmo pronuncio, Pã. Aliás, nunca eu deixo de dirigir uma prece a você quando passo por aqui e nossas relações serão sempre marcadas pelo calor humano (18).

(Sai)

Cena 6

SIMICA, GETAS

SIMICA

(Saindo transtornada da casa de CNÊMOM)

Que desgraça! Que desgraça! Que desgraça!

GETAS

(À parte)

Vá para o inferno! É uma mulher, da casa do velho, que apareceu.

SIMICA

Que vai ser de mim? Eu queria, se tivesse podido, tirar o balde do fundo do poço sozinha, escondida do patrão. Eu tinha amarrado a enxada naquela droga de cordinha podre; ela se partiu na mesma hora...

GETAS

(À parte)

Em boa hora!

SIMICA

...e para desgrça minha eu mandei a enxada para o fundo do poço, lá para junto do balde.

GETAS

(À parte)

Agora só falta você também se jogar no poço.

SIMICA

E deu o azar que o patrão está procurando a enxada; ele entendeu de tirar um monte de estrume lá do quintal; está correndo de um lado para outro, gritando e... Ele vem aí! Já está mexendo na porta!

GETAS

Salve-se, infeliz! Salve-se! Ele vai matar você, velha!

(Afastando-se um pouco)

Ou melhor: defenda-se!

Cena 7

Os mesmos, CNÊMOM

CNÊMOM

(Saindo de casa com ar feroz)

Onde é que está a bandida?

SIMICA

Não foi por culpa minha que ela caiu no poço, patrão...

CNÊMOM

Vamos! Entre!

SIMICA

Então diga o que é que o senhor vai fazer comigo.

CNÊMOM

Eu? Vou amarrar você e jogar no poço!

SIMICA

Não faça isso! Coitada de mim!

CNÊMOM

É isto mesmo! E com a mesma corda! Se ela estiver podre, melhor!

SIMICA

Eu vou chamar Daos no vizinho!

CNÊMOM

Você vai chamar Daos com esta gritaria, velha maldita? Você é surda? Trate de voltar lá para dentro!

(SIMICA torna a entrar em casa de CNÊMOM) Eu sou um desgraçado! Um desgraçado! Esta minha solidão é diferente das outras! Vou meter-me no poço! Não tenho outra coisa a fazer!

GETAS

Nós contribuímos com o gancho e a corda.

CNÊMOM

Que todos os deuses façam você morrer da pior das mortes, miserável, se você me der alguma coisa!

(Entra correndo em casa)

GETAS

Bem que eu merecia isto! Ele entrou em casa de um pulo! Três vezes desgraçado, esse cara! Que vida ele leva! É o tipo do lavrador ático: lutando contra essas pedras onde só cresce espinho (19), ele só ganha aborrecimentos,

sem colher nada de bom.

(Entra SÓSTRATO, seguido por GÓRGIAS e DAOS) Mas meu patrãozinho está chegando, e ele traz convidados, uns lavradores daqui. Que absurdo! Por que é que o patrão traz esta gente agora? Onde foi que ele conheceu estes tipos?

Cena 8

SÓSTRATO, GÓRGIAS, DAOS, GETAS

SÓSTRATO

(A GÓRGIAS)

Eu não admito que você não aceite; temos tudo aqui.

GETAS

(À parte)

Meu deus!

SÓSTRATO

Será que alguém pode recusar o almoço quando é um amigo íntimo quem oferece o sacrifício? Fique sabendo que sou um velho amigo seu!

GETAS

(À parte)

É, antes de ter visto ele!

SÓSTRATO

Você, Daos, vá arrumar estes utensílios e depois volte.

GÓRGIAS

Deixando minha mãe sozinha era casa, não. Eu cuido dela, para não faltar nada a ela. Quanto a mim, vou voltar daqui a pouco.

(SÓSTRATO, GÓRGIAS e GETAS entram na gruta; DAOS entra na casa de GÓRGIAS)

Quarto Ato

Cena 1

SIMICA, SÍCON

SIMICA

(Saindo apavorada da casa de CNÊMOM) Socorro! Eu sou uma infeliz!
Socorro!

SÍCON

(Saindo do santuário, atraído pelos gritos)

Pelo amor dos deuses! Façam o favor de nos deixar completar as libações em paz! Vocês ficam dizendo impropérios, dão murros, se lamentam! Que casa esquisita!

SIMICA

Meu patrão caiu no poço!

SÍCON

Como?

SIMICA

Como? Ele ia descer para tirar a enxada e o balde; aí escorregou lá de cima e caiu.

SÍCON

Ele não é aquele velho rabujento?

SIMICA

É ele mesmo.

SÍCON

Bem feito! Velhinha querida, chegou a hora de você agir!

SIMICA

O que é que você está querendo dizer?

SÍCON

Pegue um pouco de cimento, um bloco de pedra ou coisa parecida e jogue em cima dele aqui do alto!

SIMICA

(Apavorada)

Desça lá no fundo, meu bom amigo!

SÍCON

Os deuses me livrem! Para que eu tenha de lutar com um cachorro no fundo do poço, como no provérbio? (20) Nunca!

SIMICA

(Gritando)

Górgias! Onde é que você está?

Cena 2

OS MESMOS, GÓRGIAS, SÓSTRATO

GÓRGIAS

(Saindo da gruta)

Onde eu estou? O que é que há, Simica?

SIMICA

O que é que há? Eu tomo a dizer: meu patrão caiu no poço!

GÓRGIAS

Sóstrato! Saia depressa!

(A SIMICA)

Vá na frente! Entre já!

(Desaparecem todos na casa de CNÊMÓN)

SÍCON

(Só)

Ainda existem deuses! Você não quis dar o caldeirão para um sacrifício, ladrão de santuários! Você negou, não foi? Agora que você caiu no poço, engula a água toda dele! Assim você não terá de dar nem água a ninguém! Hoje as Ninfas se vingaram dele por mim, e com justiça. Ninguém que praticou crimes contra

cozinheiros ficou impune. Nossa arte tem qualquer coisa como uma sagrada imponência. Quanto aos copeiros, faça deles o que você quiser. Mas será que ele já morreu? Estou ouvindo uma voz feminina que se lamenta chamando “papaizinho querido”! Já estou ficando comovido (21). É claro que os dois vão tirar o velho do poço! Vocês já pensaram na cara que ele vai fazer, todo molhado e tremendo de frio? Pois imaginem! Ela vai ser um bocado bonita!... Eu, pelo meu gosto, já queria estar olhando para ela.

(Dirigindo-se às mulheres que permaneciam no santuário) E vocês, mulheres, façam suas libações com esta intenção! Rezem pela vida do velho, para que ele se salve... em má hora, estropiado e capenga. Assim ele vai ser um vizinho inofensivo para o deus daqui e para as pessoas que vêm fazer sacrifícios (pensando bem, pode ser até que algumas delas contratem meus serviços...)

(Torna a entrar na gruta)

Cena 3

SÓSTRATO

SÓSTRATO

(Saindo da casa de CNÊMOM) Pelos deuses, pessoal! Eu nunca vi na minha vida um homem afogado — ou quase — em tão boa hora! Que momentos agradáveis! Devo dizer que Górgias, logo que nós entramos, saltou de um pulo no poço, sem perder um instante. Eu e a pequena ficamos lá em cima sem fazer nada, esperando não sei o quê, ou melhor, ela arrancava os cabelos, chorava, batia no peito com toda a força, enquanto eu, feliz como se fosse de ouro, plantado perto dela, pedia a ela, como uma ama-seca, para não fazer aquilo, com o olhar fixo naquela estátua extraordinária. E na vítima lá embaixo eu mal pensava, embora tenha tido de puxar a corda sem parar para tirá-lo do poço; isso me amofinava um bocado. E quase que eu não conseguia! Enquanto eu olhava a pequena, a corda me escapou três vezes das mãos. Mas Górgias, forte como poucos (22), agüentava firme e tanto fez que finalmente, a duras penas, o velho apareceu na boca do poço. Logo que ele pôs os pés fora do poço eu saí para vir aqui. É que eu já não podia me dominar; por pouco não me atirei no colo da pequena; o meu amor é forte assim. Estou me aprontando para... mas estou ouvindo barulho na porta!

(Abre-se a porta e aparece CNÊMOM, desfigurado, amparado por SUA FILHA e GÓRGIAS) Santos deuses! Que espetáculo raro!

Cena 4

GÓRGIAS, CNÊMOM e SUA FILHA, SÓSTRATO

GÓRGIAS

Você deseja alguma coisa, Cnêmon? Diga.

CNÊMOM

O que é que eu vou dizer? Estou arrasado!

GÓRGIAS

Anime-se!

CNÊMOM

Estou animado... De agora em diante Cnêmon não aborrecerá mais vocês.

GÓRGIAS

Este é o mal da solidão. Você está vendo? Você esteve a ponto de morrer há poucos instantes. Com sua idade você deve viver cercado de cuidados o resto dos seus dias.

CNÊMOM

Isto me desagrada, não há dúvida, mas vá chamar sua mãe, Górgias.

GÓRGIAS

Com muito gosto!

(À parte)

Parece que a gente só aprende sofrendo.

(Sai)

CNÊMOM

Você quer passar seu braço por aqui e me ajudar a ficar em pé, filhinha?

SÓSTRATO

Meu caro senhor...

CNÊMOM

O que é que você está fazendo plantado aí, desgraçado?

Cena 5 (23)

Os mesmos, MIRRINA

CNÊMOM

Mirrina e Górgias... eu queria... justificar minha escolha quanto a esta vida solitária; eu sei que não é justo, mas nenhum de vocês pode mudar minha opinião; ao contrário, vocês devem concordar comigo neste ponto. Meu único erro, na verdade, era crer que somente eu, entre todos os homens, podia bastar-

me a mim mesmo, sem ter necessidade de ninguém; agora que eu vi que a vida pode acabar quando menos se espera, num instante, achei que estava errado pensando como até agora. É preciso ter perto da gente alguém que esteja pronto para nos socorrer. Mas qual o quê! A minha cabeça estava tão virada de tanto ver as pessoas viverem cada uma de um jeito, agindo por interesse, que eu não podia imaginar que pudesse haver alguém no mundo capaz de agir desinteressadamente, por simpatia para com seus semelhantes. Eu parava sempre nessa barreira, até que hoje apareceu um homem para me dar a prova — Górgias — que por sua conduta demonstrou toda a nobreza de seu caráter. Ele salvou justamente aquele que não deixava que ele chegasse à sua porta, que nunca o auxiliou, que nem falava com ele! Outro podia ter dito com toda a razão: “Você não queria que eu chegasse perto; pois então eu não chego. Você nunca nos ajudou; pois hoje eu também não vou ajudar você!” E agora, rapaz? Quer eu morra neste instante — e haveria de ser de um modo miserável, no estado em que me encontro — quer eu sobreviva, declaro você meu filho. Considere seu tudo que eu possuo.

(Indicando a filha)

Confio a você a guarda desta aqui. Arranje um marido para ela, pois mesmo que eu por sorte recupere todas as minhas forças seria incapaz, por mim mesmo, de arranjar um para ela; nunca haveria de aparecer um de quem eu gostasse. Quanto a mim, se eu escapar me deixe viver ao meu modo. Tome conta e trate das minhas coisas. Graças aos deuses você é sensato; você é o guarda natural de sua irmã. Divida os meus bens em duas partes iguais: uma será o dote dela; fique com a outra para você trabalhar e tirar dela o seu sustento e o de sua mãe. Agora me ajude a deitar, minha filha. Falar mais do que o necessário não é para homem. Mas ainda há uma coisa que você deve saber, meu filho. Só tenho umas poucas palavras a dizer sobre o meu modo de ser: se todos os homens fossem como eu, não haveria esses tribunais, nem essas prisões para onde eles levam seus semelhantes, não haveria guerra; cada qual viveria contente com o pouco que tivesse. Mas está-se vendo que vocês preferem as coisas assim. Pois vivam assim mesmo! O velho ranheta e difícil não vai mais atrapalhar os passos de vocês.

GÓRGIAS

E eu aceito isso tudo. Mas ainda temos de arranjar com o senhor, o mais depressa possível, um marido para a moça, se o senhor está de acordo.

CNÊMOM

Eu já lhe disse tudo que pensava. Faça o favor de não me amolar mais!

GÓRGIAS

Estava querendo falar com o senhor...

CNÊMOM

Chega, pelos deuses!

GÓRGIAS

...um pretendente à moça...

CNÊMOM

Eu não tenho mais nada a ver com isso.

GÓRGIAS

E a pessoa que me ajudou a salvar o senhor.

CNÊMOM

Quem é ele?

GÓRGIAS

Este aqui.

(À SÓSTRATO)

Venha cá.

CNÊMOM

Ele está meio queimado de sol. Ele trabalha no campo?

GÓRGIAS

E como trabalha, meu pai! Não é um maricas, nem desses tipos que passeiam o dia todo sem fazer nada (24). Quanto à família dele, não podia ser melhor.

CNÊMOM

Então dê a moça em casamento a ele. É você que tem de fazer isto. Agora me arraste lá para casa. Cuide disso.

(Entram CNÊMOM e SUA FILHA)

Cena 6

GÓRGIAS, SÓSTRATO

GÓRGIAS

Agora vamos acertar o seu noivado com minha irmã.

SÓSTRATO

Meu pai não vai ter nada a dizer quanto a isso.

GÓRGIAS

Então eu os declaro noivos. Na presença de testemunhas, Sóstrato, eu lhe dou para levar, tudo que é justo você receber como dote. Você se meteu nesta situação sem segundas intenções, abertamente, e não achou humilhante fazer

tudo que era preciso para chegar ao casamento. Você levava uma boa vida e no entanto pegou na enxada, trabalhou e não se intimidou quando teve de fazer força. É principalmente nisto que o homem se revela, fazendo o que fazem os pobres, apesar de rico. Assim se suporta com firmeza os reveses da sorte. Você me deu provas suficientes de seu caráter; desejo que você continue assim.

SÓSTRATO

Você deve desejar que eu me torne ainda melhor. Mas o auto-elogio é coisa de mau gosto, sem dúvida.

(Vendo o pai aproximar-se)

Mas estou vendo meu pai, que chega em boa hora.

GÓRGIAS

É Calípides! Então ele é seu pai?

SÓSTRATO

Exatamente.

GÓRGIAS

Mas ele é rico e direito e um lavrador sem igual!

Cena 7

CALÍPIDES, GÓRGIAS, SÓSTRATO

CALÍPIDES

Será que eu cheguei tarde? Já devem ter devorado o carneiro e voltado há muito tempo para a fazenda.

GÓRGIAS

Parece que ele está com os dentes afiados! Vamos primeiro explicar o assunto a ele?

SÓSTRATO

Ele deve almoçar antes; assim ele fica mais camarada.

CALÍPIDES

De que se trata, Sóstrato? Já acabaram de almoçai?

SÓSTRATO

Já, mas guardamos um pedaço para você. Entre!

CALÍPIDES

É o que estou fazendo.

(Entra na gruta)

GÓRGIAS

(A SÓSTRATO)

Entre também e diga a seu pai o que você quiser dizer, só entre vocês dois.

SÓSTRATO

Você vai esperar em casa, não é?

GÓRGIAS

Eu não vou sair de casa.

SÓSTRATO

Pois daqui a pouco eu chamo você.

(SÓSTRATO entra no santuário e GÓRGIAS em sua casa)

Quinto Ato

Cena 1

SÓSTRATO, CALÍPIDES

SÓSTRATO

(Saindo da gruta com o PAI)

Nem tudo está como eu queria, meu pai, nem como eu esperava, tratando-se de você.

CALÍPIDES

Por quê? Já não dei o meu consentimento? Case com aquela que você ama; eu não quero apenas: ordeno.

SÓSTRATO

Mas você não está com jeito de quem pensa assim.

CALÍPIDES

Pois a minha vontade é esta e eu falo refletidamente. Se é o amor que leva um rapaz a casar, o casamento dá certo.

SÓSTRATO

Então, se é verdade que vou casar com a irmã desse rapaz porque ela me parece digna de nós, como é que você pode dizer que não vai dar a minha irmã em casamento a ele, em retribuição?

CALÍPIDES

Isto que você está dizendo é uma vergonha. Eu não quero ganhar ao mesmo tempo uma nora e um genro prontos. Um é bastante para nós.

SÓSTRATO

Você está falando de bens materiais, de coisa frágil. Se você tem certeza de que esses bens ficarão sempre com você, fique com eles sem partilhar com ninguém. Mas se você não é senhor absoluto deles, se tudo que você tem depende mais da sorte do que de você mesmo, por que este apego a eles, meu pai? Quem sabe se

a sorte não vai tirar esses bens de você para entregá-los a alguém que não mereça? Por isso eu insisto em que, enquanto você é dono deles, você deve usá-los como um homem de bem, ajudando os outros, fazendo felizes tantas pessoas quantas você puder! Isto é que não morre, e se um dia você for golpeado pela má sorte você receberá de volta o mesmo que tiver dado. Um amigo certo é muito melhor que riquezas incertas, que você mantém enterradas!

CALÍPIDES

Você sabe como é, Sótrato. Eu não vou levar para a sepultura o que junto. E como poderia? Tudo isso é seu. Você quer fazer um amigo depois de tê-lo experimentado? Faça e boa sorte! Para que fazer toda essa pregação moral? Dê, divida, distribua! Você me convenceu completamente.

SÓSTRATO

De coração?

CALÍPIDES

De coração, fique sabendo. Não pense mais nisso.

SÓSTRATO

Vou já chamar Górgias!

Cena 2

Os mesmos, GÓRGIAS

GÓRGIAS

Eu ia saindo e ouvi de minha porta toda a conversa de vocês, desde o começo.

SÓSTRATO

E o que é que você acha?

GÓRGIAS

Eu considero você um amigo de verdade, Sótrato, e gosto muitíssimo de você; mas mesmo que eu quisesse não poderia aceitar o peso de uma situação acima de minha capacidade.

SÓSTRATO

Eu ainda não percebi o que você está querendo dizer.

GÓRGIAS

Eu lhe dou minha irmã para sua esposa, mas quanto a receber a sua em casamento, muito obrigado!

SÓSTRATO

Como “muito obrigado”?

GÓRGIAS

Eu penso que não dá prazer levar uma boa vida com o fruto do trabalho dos outros; só quando nós mesmos juntamos.

SÓSTRATO

Você está dizendo tolices, Górgias. Será que você não se considera digno desse casamento?

GÓRGIAS

Eu me considero digno dela, mas indigno de receber muito tendo tão pouco.

CALÍPIDES

Pelos deuses! Você raciocina com muita nobreza!

GÓRGIAS

Como?

CALÍPIDES

Mesmo sem ter nada você dá a impressão de ter tudo. Mas já que eu estava convencido e você me convenceu duplamente com sua atitude, se você recusar este casamento você será ao mesmo tempo pobre e insensato. Ele está mostrando a você uma esperança de salvação.

GÓRGIAS

Você tem razão (25).

SÓSTRATO

Agora só falta cuidar dos noivados.

CALÍPIDES

Pois bem, rapaz; eu desde já declaro você noivo de minha filha, para que você tenha com ela filhos legítimos, e com ela eu lhe dou um dote substancioso (26).

GÓRGIAS

De minha parte eu tenho também um certo dote para a outra noiva.

CALÍPIDES

Você tem? Não exagere de novo!

GÓRGIAS

Bem; eu tenho o terreno.

CALÍPIDES

Fique com ele todo, Górgias. Agora vá procurar sua mãe e sua irmã e venha com elas para cá, para junto das mulheres lá de casa.

GÓRGIAS

Está bem.

SÓSTRATO

Hoje de noite vamos ficar todos aqui festejando. Depois celebramos os casamentos. Traga também o velho, Górgias. Ele naturalmente encontrará com

mais facilidade, aqui entre nós, as coisas de que necessitar.

GÓRGIAS

Ele não vai querer isso nunca!

SÓSTRATO

Trate de convencê-lo.

GÓRGIAS

Se eu puder.

(Dirige-se à casa de CNÊMOM)

SÓSTRATO

Hoje temos de tomar um bom pileque, papaizinho, e as mulheres ficam cuidando de nós a noite toda.

CALÍPIDES

É justamente o contrário; eu tenho certeza de que elas é que vão beber e nós vamos passar a noite cuidando delas. Mas eu vou entrando, para providenciar alguns preparativos por vocês.

(Entra no santuário)

SÓSTRATO

Muito bem.

(À parte)

Quando se tem juízo, nunca se deve desesperar diante de coisa alguma. Com jeito e esforço se consegue tudo. Eu ofereço hoje um exemplo disso: em um só dia pude arranjar um casamento que ninguém julgava possível de jeito nenhum!

Cena 3

GÓRGIAS, SÓSTRATO, AS MULHERES

GÓRGIAS

(À MÃE e à IRMÃ, que o acompanham) Vamos! Avancem!

(A SÓSTRATO)

Onde está o pessoal?

SÓSTRATO

Venham por aqui.

(À MÃE, que está no interior da gruta) Receba as duas, mamãe!

(A GÓRGIAS)

E Cnêmon? Ainda não apareceu?

GÓRGIAS

Que nada! Ele até implorou para eu trazer a velha, a fim de que ele ficasse completamente só!

SÓSTRATO

Ninguém pode com o gênio dele.

GÓRGIAS

Ele é assim mesmo, mas eu desejo muitas felicidades para ele.

SÓSTRATO

Então vamos entrar.

GÓRGIAS

Eu me sinto encabulado, assim, na presença das mulheres.

SÓSTRATO

Que conversa é esta? Você não vai entrar? Agora você já pode dizer que essa gente toda faz parte de sua família.

(Entram na gruta)

Cena 4

SIMICA, GETAS

SIMICA

(Saindo da casa de CNÊMOM) É, eu também vou embora. Você vai ficar deitado sozinho aí, infeliz, com seu gênio maldito! Aquele pessoal queria levar você para perto do deus e você deu o contra! Ainda vai acontecer alguma coisa ruim com você, pior até que a de hoje! Passe bem!

GETAS

(Saindo do santuário)

Eu vou por aqui, para ver como ele vai.

(Aparece uma TOCADORA DE FLAUTA)

Por que você está tocando flauta para mim, sua errada? Eu não posso perder tempo agora. Me mandaram aqui na casa de um doente. Espere!

SIMICA

Um de vocês vá lá para dentro me substituir junto dele. Eu quero me despedir da minha patroazinha, falar com ela, dar os parabéns a ela, dar um abraço nela.

GETAS

Você tem toda a razão. Vá! Enquanto isso, eu tomo conta dele.

(SIMICA entra na gruta)

Há muito tempo que eu suspirava por esta oportunidade! Já sei o que é que eu vou lazer. Eu ainda podia chamar... Ô Sícon, cozinheiro! Venha cá depressa, faça o favor! Que bons momentos eu vou ter!

Cena 5

SÍCON, GETAS

SÍCON

(Saindo da gruta)

Você me chamou?

GETAS

Chamei, sim. Você quer se vingar do que você sofreu nas mãos dele há pouco tempo?

SÍCON

E eu sofri há pouco tempo? Se você quer me dar alguma coisa, dê logo, mas não venha com bobagens! (27)

GETAS

O velho rabugento está sozinho lá dentro, preparando-se para dormir.

SÍCON

E como vai ele?

GETAS

Não vai mal de todo.

SÍCON

Será que ele não vai poder bater em nós quando se levantar?

GETAS

Eu acho que ele não vai poder nem se levantar.

SÍCON

Como é bom ouvir o que você está dizendo! Eu vou entrar e pedir qualquer coisa emprestada; ele vai perder a cabeça!

GETAS

Mas eu estou pensando em trazer primeiro o velho para fora e depois botar ele aqui e começar a bater na porta dele, pedir uma porção de coisas, tocar fogo, incendiar a casa dele; havia de ser uma delícia!

SÍCON

Eu tenho medo de Górgias; se ele nos pegar fazendo isso vai nos dar uma surra!

GETAS

Mas o barulho lá dentro está muito forte; todo o mundo está bebendo e ninguém vai perceber. Afinal de contas nós temos de domesticar o homem, pois com o casamento vamos ser todos da mesma casa; ele vai entrar na nossa família. Se ele continuar como sempre foi, vai ser duro suportar o velho!

SÍCON

Quem disse que não?

(Dirigem-se para a casa de CNÊMÓN)

GETAS

Você só tem de tomar cuidado para não verem você trazendo o velho para fora.
Vamos! Entre você primeiro!

SÍCON

Faça o favor de esperar um pouco; não me deixe sozinho. E não faça barulho!

GETAS

Mas eu não estou fazendo barulho!

(Entram e saem em seguida, trazendo CNÊMOM adormecido)

GETAS

Para a direita!

SÍCON

Pronto!

GETAS

Ponha o velho aqui! A hora é esta! Primeiro eu! Espere!

(Ao FLAUTISTA)

Você aí! Mantenha o ritmo!

(Bate à porta de CNÊMOM)

Garotos bonzinhos! Garoto! Garotinho! ô garotos!

CNÊMOM

(Acordando)

Ai! Eu estou morrendo!

GETAS

Quem é você? Você é daqui?

CNÊMOM

É claro! E você? O que é que você quer?

GETAS

Eu queria que você me emprestasse uns caldeirões e um tacho.

CNÊMOM

Quem me ajuda a levantar?

GETAS

Você tem; com certeza tem. E sete tripés, e doze mesas. Vamos, garotos! Vão dizer ao pessoal lá dentro! Eu estou com pressa!

CNÊMOM

Eu não tenho nada!

GETAS

Você não tem nada?

CNÊMOM

Eu já não disse milhares de vezes?

GETAS

Então me ajude.

CNÊMOM

Eu sou um infeliz! Como é que eu vim parar aqui? Quem me pôs aqui em frente?

(Vendo SÍCON)

Vá embora, já!

SÍCON

(Recomeçando)

Garoto! Garotinho! ô de casa! Mulheres! Homens! Garoto da porta!

CNÊMOM

Você está maluco, homem? Você vai derrubar a minha porta!

SÍCON

Arranje também nove tapetes para nós...

CNÊMOM

Onde é que eu vou arranjar isso?

SÍCON

...e uma passadeira estrangeira bem comprida!

CNÊMOM

Bem que eu queria ter uma assim!

SÍCON

Você tem!

CNÊMOM

Onde? Velha! Onde está a velha?

SÍCON

Será que eu vou ter de bater noutra porta?

(Faz menção de afastar-se mas volta, em companhia de GETAS)

CNÊMOM

Suma-se! Velha Simica!

A GETAS.

Que os deuses lhe dêem uma morte horrível, miserável! O que é que você quer?

GETAS

Eu quero uma taça de bronze, grande.

CNÊMOM

Quem me ajuda a ficar em pé?

SÍCON

Você tem, você tem mesmo a passadeira, papaizinho?

GETAS

Você tem a taça, não tem, meu paizinho?

CNÊMOM

Eu vou matar a Simica!

GETAS

Cale a boca! Pare de grunhir! Você foge de gente, você detesta sua mulher, você não quer juntar-se ao pessoal que está sacrificando! Pois você vai ter de suportar

tudo isto; ninguém vai socorrer você. Pode ranger os dentes!

SÍCON

E agora ouça bem! (28). Eu preparava a comida para as mulheres daqui... Mas vou começar do princípio. Eu comecei a preparar o banquete para aqueles homens. Você está ouvindo? Você dormiu?

CNÊMOM

Eu? Coitado de mim!

SÍCON

Você quer tomar parte? Preste atenção ao resto da minha estória. As libações estavam lá. Estavam arrumando os assentos no chão; eu arrumava as mesas (a minha tarefa era essa). Você está ouvindo? Pois acontece que eu sou cozinheiro. Não se esqueça disto!

GETAS

(À parte)

O homem está pasmo!

SÍCON

Um outro trazia em seus braços o vinho, bem velho, e derramava numa jarra, para misturar com água (29). Depois servia aos homens em volta, enquanto outro fazia o mesmo com as mulheres.

(GETAS e SÍCON representam o papel de copeiros, ilustrando a descrição com gestos expressivos) Era como se eles quisessem encharcar a areia. Você sabe como é isso. Aí uma criada bêbada, com seu rostinho em flor meio transtornado, entrou no ritmo de dança, não sem corar de vergonha, ao mesmo tempo hesitante e trêmula. Mas outra criada deu a mão a ela e entrou também na dança.

(SÍCON dá a mão a GETAS e dança com ele)

(Aproximam-se de CNÊMOM e tentam levá-lo a dançar)

GETAS

Você, que foi pesadamente insultado, venha dançar conosco, acompanhe nossos passos!

(Tenta pôr CNÊMOM em pé)

CNÊMOM

Vocês querem me machucar? O que é que vocês estão querendo, desgraçados?

GETAS

É melhor você dançar conosco. Você é grosso mesmo!

CNÊMOM

(Debatendo-se)

Não, pelos deuses!

GETAS

Então você quer ser levado para a gruta?

CNÊMOM

O que é que eu vou fazer?

SÍCON

Então dance!

CNÊMOM

Então me levem! É melhor enfrentar os males que me esperam lá dentro!

GETAS

Isto é que é ter juízo! Vencemos! Que bela vitória!

(Ao FLAUTISTA e a SÍCON) Dônax, meu filho, e você também, Sícon, levem o velho para a gruta.

(A CNÊMOM, que se debate) Cuidado, pois se nós pilharmos você se mexendo, por pouco que seja, fique sabendo que nós vamos tratar você com muito menos gentileza! Agora nós queremos coroas de flores e uma tocha! (30).

SÍCON

Tome esta aqui! (30-A).

GETAS

(Dirigindo-se ao público)

Muito bem! Quanto a vocês, participem de nossa alegria, pois vencemos galhardamente este velhote que nos deu tanto trabalho. Aplaudam todos com simpatia, rapazes, meninos, homens! E que a nobre donzela amiga do Riso, a Vitória, siga sempre os nossos passos e nos favoreça!

FIM

Notas de A Paz

- (1) Esse “bolo” seria feito de excrementos, alimento exclusivo dos escaravelhos, segundo se depreende de alusões posteriores de Aristófanes.
- (2) Alguns animais eram consagrados a certos deuses; o escaravelho era considerado um inseto sagrado no Egito. Afrodite — a Vênus latina — era a deusa da beleza e do amor, e as Graças representam os encantos femininos.
- (3) Jogo de palavras. Um dos epítetos de Zeus — deus maior da mitologia grega — era Trovejante (“kataibatos” as palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos para facilitar a composição tipográfica); Aristófanes forja a palavra “skataibatos”, que traduzimos por merdejante para tentar reproduzir a idéia do original.
- (4) No original: Cleon, demagogo ateniense que leria levado sua cidade à guerra com Esparta, detestado por Aristófanes, que não perde oportunidade para censurá-lo. No original, ao invés de “um vizinho dele” está escrito “um jônio”, habitante da Jônia, região grega aliada dos atenienses.
- (5) Mania de guerra. Os atenienses também eram maníacos pelos julgamentos e porfiavam para serem indicados para as judicaturas, preenchidas por cidadãos comuns, por sorteio. Uma das comédias de Aristófanes — “As Vespas” — gira em torno desta segunda mania.
- (6) Os cavalos da Sicília eram famosos na Grécia por sua fogosidade.
- (7) Pégaso era um cavalo fabuloso, alado, mais veloz que os outros cavalos dos deuses.
- (8) Para evitar que o escaravelho fosse atraído pelo cheiro de fezes.
- (9) Os persas se beneficiavam das lutas intestinas entre os gregos e procuravam fomentá-las.
- (10) Literalmente: “Por Diôniso!”, deus da mitologia grega associado ao vinho, à embriaguez e ao teatro. De um modo geral omitiremos essas alusões específicas, sem sentido para o leitor atual, salvo quando forem importantes para o contexto.
- (11) Paródia da tragédia Éolo de Eurípides, de que nos restam apenas fragmentos. Veja-se o fragmento 17 nos “Tragicorum Graecorum Fragmenta”, de Nauck, segunda edição.
- (11-A) Paródia também do Éolo.
- (11-B) Há um trocadilho no original, em que “kôndilon” (bofetão) é usado em lugar de “kândilon” (bolo de queijo); procurou-se manter o trocadilho na tradução com o duplo sentido de “bolacha”.
- (11-C) A fábula da águia e do escaravelho, n.º 4 na edição de Chambry.
- (11-D) Veja-se a nota 7 sobre Pégaso.
- (12) O “timão” a que alude Trigeu é certa parte do corpo, para a qual ele aponta. Construíam-se na ilha grega de Naxos uns barcos chamados também “escaravelhos” (“kântharos”), talvez por seu feitio semelhante à figura desses insetos. Com “es... caravela” procurou-se conservar o jogo de palavras do original.
- (13) Um dos três ancoradouros do porto do Pireu, que servia a Atenas, chamava-se “Kântharos”. Veja-se a nota 12. Também aqui, com “escara... Velho”, se procurou reproduzir o jogo de palavras do original.
- (14) Eurípides escreveu pelo menos três tragédias (das quais só conhecemos fragmentos) cujos heróis eram mancos: “Belerofonte”, “Filoctetes” e “Télefo”.
- (15) No original: “hêrpyllon”, serpão, planta parecida coma manjerona, cuja flor é muito aromática.
- (16) No original: “tálantos”, talento, moeda grega antiga de alto valor.
- (17) Há no original um trocadilho entre “khêzein” (chiar, espremer-se) e “khíos” (nome de uma cidade grega na ilha do mesmo nome).
- (18) Nesta altura, Trigeu dirige-se ao maquinista do teatro, que estava elevando o escaravelho por meio de cordas)
- (19) O mensageiro dos deuses, patrono dos negociantes e protetor dos larápios.
- (20) No original: “hippokântharos”, literalmente “cavalo-escaravelho”.
- (21) Do povoado ático de Atmonias, perto de Atenas.
- (22) Os sicofantes eram, a princípio, os denunciadores de furtos de figos (“sykos”); subseqüentemente sicofante passou a ser sinônimo de delator, caluniador, chantagista. Os atenienses eram apaixonados pela política.
- (23) Habitantes da Lacônia, inimigos dos atenienses. O certo seria “lacônios” a terminação “nikôs” que lembra “Nike” (vitória), é um neologismo de Aristófanes, induzindo à associação de idéias de que os lacônios (ou lacedemônios, ou espartanos) só pensavam em vitória. O mesmo procedimento é adotado em relação aos atenienses — Áticos, logo abaixo (nota 26).
- (24) Literalmente “Pelas duas divindades” alusão a Castor e Polideuses (Pólux na forma latina) — os

Dióscuros — semideuses especialmente reverenciados na Lacônia.

(25) Ática: região da Grécia onde ficava Atenas.

(26) Aticônicos em lugar de Áticos, por analogia e Lacônicos ao invés de Lacônios (nota 23), acentuando a identidade da posição dos dois povos quanto à culpa pela guerra.

(27) Literalmente: "Por Atena", deusa padroeira dos atenienses.

(28) Zeus, o deus maior da mitologia grega.

(29) Os atenienses haviam capturado Pílos, importante posição estratégica Lacônia, fazia pouco tempo.

(30) Literalmente: "Senhor Apolo". Apolo era um dos principais deuses da mitologia grega.

(31) Literalmente: "Prassíai" (porto da Lacônia), que lembra "prassíá" (alhos bravos) que a Guerra vai lançar no pilão.

(32) Literalmente: Megara, cidade aliada dos Lacônios, famosa por sua produção de alhos.

(33) Literalmente: Sicília, ilha ao sul da Itália, colonizada pelos gregos, grande produtora de queijos.

(34) Literalmente: mel ático. A Ática, onde ficava Atenas, era a região da Grécia onde se produzia o melhor mel.

(35) Literalmente: "custa quatro óbolos", moeda grega antiga.

(36) Literalmente: "Diôniso"; veja-se a nota 10.

(37) Alusão à morte de Cleon, demagogo que Aristófanes considerava a desgraça de Atenas, na batalha de Anfípolis.

(38) Capital da Lacônia, também chamada Esparta.

(39) Literalmente: "foi iniciado em Samotrácia", ilha grega do Mar Egeu, conhecida pelas credences de seus habitantes, dados à prática de magia e encantamentos.

(40) Literalmente: "lá para os lados da Trácia", região a leste do Mar Negro. Alusão ao envio de algum general lacônio para comandar aliados daquela região.

(41) Literalmente: "Dióscuros". Veja-se a nota 24.

(42) Literalmente: "...é a hora de repetir a música que Dátis cantava em pleno dia, com as mãos para lá e para cá". Dátis era um tipo popular de escravo levantino, de costumes indecentes.

(43) Literalmente: "Chegou a hora de nos apoderarmos da taça do Gênio Bom." A alusão é obscura mas parece tratar-se de expressão proverbial significando "chegou o momento de agir sensatamente".

(44) Literalmente: "de mantos vermelhos", usados pelos taxiarcas, comandantes de batalhões.

(45) Literalmente: Lâmaco, general ateniense, partidário ardoroso da guerra.

(46) Literalmente: "trazer víveres para três dias", alusão aos termos das convocações para a guerra.

(47) Literalmente: "com o Cérbero", cão lendário de muitas cabeças, que tomava conta da porta de entrada do inferno. A alusão é a Cleon (veja-se a nota 37) que, embora morto, deixara adeptos que ainda preocupavam os atenienses.

(48) A Guerra.

(49) Literalmente: "Jogar o escudo fora".

(50) Literalmente: "muitos desses leitos que Fórmion usava". Fórmion era um general ateniense de costumes austeros, vencedor muitas vezes dos lacedemônios.

(51) Literalmente: "correndo para o Liceu e voltando do Liceu". O Liceu era um dos locais de treinamento de atletas em Atenas, onde se reuniam e se armavam os soldados para as manobras e paradas militares.

(52) Literalmente: "nada de ruim, mas como Cílicon". Cílicon foi acusado de trair a pátria. Quando lhe perguntavam o que havia feito, respondia: "Tudo de bom".

(53) Segundo os comentadores antigos de Aristófanes, em Atenas não se executavam num só dia muitos condenados à morte. Tirava-se a sorte para determinar quais os que morreriam primeiro e Hermes era o patrono do jogo.

(54) No original: "...nem farinha, nem queijo para morrer". Farinha e queijo constituíam o farnel habitual do soldado.

(54-A) Trigue interpreta o "entrar bem" em sentido obsceno; daí a resposta.

(55) Literalmente: "Três dracmas", moeda grega antiga.

(56) Segundo as crenças dos gregos, os iniciados em certos mistérios, principalmente nos de Eleusis (cidade-santuário da Ática) iriam diretamente para a morada dos bem-aventurados após a morte. O sacrifício de um leitão fazia parte do ritual da iniciação.

(57) Literalmente: "...de Pisandro", general ateniense valente apenas nas palavras e na pose, que só teria de heróico o penacho do capacete e as grossas sobranceiras.

(58) Hermes era o deus dos negociantes e dos ladrões.

(59) Os persas, sempre desejosos de vingar-se de antigas derrotas, adoravam o Sol e a Lua.

- (60) Alusão a eclipses ocorridos pouco antes do início da Guerra do Peloponeso.
- (61) Literalmente: "...as Grandes Panatenéias", festas solenes que se celebravam em Atenas com a presença dos gregos de todas as cidades.
- (62) Literalmente: "os Mistérios, as Dipolias, as Adonias ". Para adular Hermes, Trigeu diz que seriam em sua homenagem festas dedicadas a determinados deuses: a Demeter (Os Mistérios), a Zeus (as Dipolias) e a Afrodite e Adonis (as Adonias).
- (62-A) "Remexendo brasas " é usado aqui com duplo sentido: avivar, o fogo da lareira e o ardor da amiga.
- (63) Literalmente: "...sofra o mesmo que Cleônimo", general ateniense que atirou o escudo fora para fugir mais depressa.
- (64) Literalmente: "...alguma cevada...". A cevada era o último alimento para os homens, sendo geralmente dada aos animais e aos prisioneiros de guerra.
- (65) No original há um jogo de palavras, que se procurou reproduzir: "ié paíón, ié" é uma exclamação de júbilo, uma invocação a Apolo Salvador, mas "paien" é surrar. Trigeu fala: Diga só "ié"!
- (66) Literalmente: "às Horas", divindades representativas das estações do ano.
- (67) Afrodite, a Vênus dos latinos.
- (68) Ares, o Marte dos latinos. Mais abaixo, substituímos Eniálio (outro deus belicoso, ajudante de Ares em sua missão destruidora), por "deus da carnificina".
- (69) Os habitantes da Beócia e os argivos (habitantes de Argos), tinham interesses econômicos na continuação da guerra.
- (70) Os argivos jogavam com sua adesão, procurando obter vantagens tanto dos atenienses como dos lacônios.
- (71) Os ferreiros fabricavam armas.
- (72) Habitantes de Megara.
- (73) Os megários haviam-se recusado a assinar um tratado de paz pouco antes.
- (74) Literalmente: "...a esfregar o alho". Os megários teriam sido os causadores da guerra do Peloponeso, segundo alguns.
- (75) Há um duplo sentido aqui; Hermes aparentemente sugere que os atenienses do Coro recuem um pouco para puxar com mais força, mas na realidade insinua: deixem de querer avançar nas terras dos outros.
- (76) Paródia de um verso de Eurípides na tragédia "Télefo", de que restam apenas fragmentos. Em Eurípides, ao invés de "trouxa " lê-se ' filho" e o verso se refere a Orestes, filho de Agamêmnon. O fragmento em questão é o de número 727 na coleção de Nauck "Tragicorum Graecorum Fragmenta", segunda edição.
- (77) Aristófanes não perde oportunidade de criticar Eurípides, que considerava um mau tragediógrafo em comparação com seus antecessores Sófocles e Ésquilo.
- (78) No original, "eskimálisen" significa literalmente "juntar os dedos polegar e médio", num gesto obscuro.
- (79) Literalmente: "Poseidon", deus dos mares, reverenciado especialmente em Atenas.
- (80) Fídias, o famoso escultor ateniense, foi acusado de haver desviado parte do ouro com o qual deveria fazer uma estátua de Atena por incumbência de Péricles, e foi por isso condenado ao exílio em 438 a. C. Péricles, amigo de Fídias, teria induzido os atenienses a se lançarem à guerra a fim de distrair as atenções concentradas em sua administração, pois as suspeitas e acusações também o atingiam.
- (81) Péricles proibira, em 432 a.C. , todo o comércio com os megários.
- (82) Literalmente: "um depósito de seis medimnos", medida correspondente a cerca de 52 litros.
- (83) Literalmente: "de Brasidas", general lacônio.
- (84) Cleon. Vejam-se as notas 4 e 37.
- (85) Hermes era o deus encarregado de conduzir as almas dos mortos ao além-túmulo.
- (85-A) Sobre Pilos, veja-se a nota 29.
- (86) Ou seja, sob a influência do vendedor de couros, Cleon. Vejam-se as notas 4, 37 e 84.
- (87) Veja-se a nota 63.
- (88) Há no original um jogo de palavras entre "Hyperbolimaioi" (bastardo, recém-nascido enjeitado) e "apobolimaioi (aquele que joga fora).
- (89) Literalmente: "na tribuna da Pnis", praça pública onde se realizavam as assembleias populares em Atenas.
- (90) Sucessor de Cleon e chefe do partido popular durante os quatro anos seguintes à morte do demagogo. Acabou sendo banido de Atenas, condenado ao ostracismo.
- (91) Famoso dramaturgo grego, do qual ainda se conservam sete tragédias e um drama satírico, além de

numerosos fragmentos.

(92) Literalmente: “De Sófocles ele se transformou em Simonides”. Simonides foi grande poeta lírico, mas ávido de ganho, a ponto de escrever por dinheiro, o que era considerado incompatível com a arte pelos atenienses.

(93) Paródia do provérbio: “Com a ajuda divina se navega até numa tábua”.

(94) Poeta da Comédia Antiga, do qual restam apenas fragmentos. Era famoso por sua inclinação para a bebida.

(95) Se se tratasse de uma mulher comum, os votos seriam para ter muitos filhos. Sendo a Abundância (Opóra) a deusa das frutas, Aristófanes usa o inesperado “muitas uvas”.

(96) Literalmente: “Chá de poejo”, remédio popular para as indigestões devidas ao abuso de frutas.

(97) Antes da guerra o Senado enviava delegações religiosas de caráter festivo — teorias — a Delfos e Delos, cidades-santuários da Grécia.

(98) Verso do “Belerofonte”, tragédia perdida de Eurípides (fragmento 312 da coleção de Nauck).

(99) Ganimedes, jovem famoso por sua beleza, foi raptado da terra por Zeus para ser seu pajem e mais alguma coisa, pois nem os deuses, segundo os antigos gregos, eram imunes às práticas homossexuais.

(100) Literalmente: “em estado de ereção”.

(101) As cordas, pás, picaretas etc. Parece que os ladrões costumavam furtar, após os espetáculos, os objetos que ficavam na cena aberta.

(102) Nesta fala, que introduz um intervalo na ação, o Corifeu expõe ao público as idéias pessoais do autor da peça. É a parábase, peculiaridade da Comédia Antiga, proibida ainda em vida de Aristófanes pelos dirigentes da cidade, temerosos da popularidade dos comediógrafos, cujas críticas abalavam o prestígio dos políticos. As últimas comédias de Aristófanes — “Ekklesiazusai” (“Revolução das Mulheres” em nossa tradução publicada pela “Civilização Brasileira” juntamente com a “Lisístrata”) e “Ploutos ” — já não tinham parábase.

(103) Literalmente: “porta-bengala” funcionário encarregado de policiar o teatro e chamar à ordem, com uma bengala, os espectadores inconvenientes.

(104) Literalmente: “em anapestos”. O anapesto era o verso usado na parábase.

(105) Literalmente: “filha de Zeus”, ou seja, Talia, a musa da Comédia.

(106) Literalmente: “esses Heracles ” Heracles era um semideus da mitologia grega — o Hércules latino.

(106-A) Literalmente: “digna de Heracles”. Veja-se a nota 106

(107) Nova alusão ao demagogo Cleon. Veja-se a nota 86

(108) Literalmente: “de Cína”, famosa prostituta ateniense da época de Aristófanes. Cína quer dizer cadela.

(109) Monstro com tronco de mulher e membros de asno, símbolo da lubricidade.

(109-A) A passagem para a primeira pessoa do singular faz supor que neste ponto o próprio poeta se dirigia ao público.

(110) Aristófanes era calvo. Na parábase o poeta, entre outras coisas, pedia aos espectadores que cooperassem com os aplausos para a sua vitória, pois nos festivais eram apresentadas comédias de vários autores em busca do prêmio.

(110-A) Alusão aos poemas épicos, que em geral tratavam de guerras, e que começavam por uma invocação às Musas. Veja-se, por exemplo, o início da “Ilíada”.

(111) Poeta trágico que Aristófanes costumava ridicularizar.

(112) Carcino havia composto uma peça chamada “Os Ratos”, que foi um fracasso. Daí o trocadilho.

(113) Mórsmo era um mau poeta trágico e Melâncio era ator medíocre.

(114) Monstros fabulosos, cuja presença petrificava quem os via.

(115) Outros monstros fabulosos.

(116) Para fazer representar suas tragédias ou comédias, os poetas do tempo de Aristófanes tinham de conseguir antes, das autoridades, um coro, pago pelo tesouro da cidade. Aristófanes se mostra mordaz e impiedoso em relação a seus rivais, cujo valor devia ser realmente medíocre a julgar pelo esquecimento em que caíram.

(117) O ditirambo, gênero poético meio descritivo, meio dramático, de onde se originou a tragédia, no tempo de Aristófanes havia degenerado em poesia bombástica, de mau gosto.

(118) Literalmente: Ion de Quios, famoso poeta lírico que morrera havia pouco tempo. Um de seus poemas começava pelos versos:

“Deixamos, que surgisse a Estrela d’Alva,
núncia do Sol, com suas asas lúcidas.”

(Fragmento 1 na coletânea de Edmonds, "Lyra Graeca", volume III, página 226, conservado por um antigo comentador deste trecho de Aristófanes)

Daí a alusão de Trigeu.

(119) Literalmente: "...que os piões de Carcino". Veja-se a nota III. Os filhos de Carcino se consideravam exímios bailarinos e Aristófanes os chama de piões porque eles apenas rodopiavam e pensavam que estavam dançando.

(120) Literalmente: "Esta é a Teoria que levamos uma vez a Brauron ", vilarejo da Alica, aonde os atenienses enviavam de quatro em quatro anos uma procissão festiva, chamada "Teoria".

(121) Há no original um trocadilho em tomo das nádegas da Alegria, que se procurou conservar na tradução.

(122) Literalmente: "Está perto da festa do Istmo" (competição atlética importante — Istmica, do mesmo gênero das Olimpíadas) "e eu preciso de uma tenda" (devido à grande afluência popular durante a festa do Istmo, era necessário levar tendas para ter onde alojar-se no local). "Istmo" significava também o órgão sexual feminino.

(123) Arifrades era um político famoso pela devassidão de seus costumes.

(124) No original: Pritanes, que correspondiam a senadores na organização política de Atenas.

(125) O órgão sexual da mulher também se chamava "forno".

(126) Literalmente: "...acabei com Hipérbolo". Veja-se a nota 9.

(127) Há no original um trocadilho: "boi" (em boi), e "boethein" (gritar, dar um grito de guerra). Forçou-se um pouco a tradução para manter o espírito do original.

(128) Literalmente: "Teógenes", político ateniense com fama de imbecil e fanfarrão.

(129) Literalmente: "se Caires", músico medíocre, contemporâneo de Aristófanes.

(130) A guerra entre Esparta e Atenas e respectivos aliados já durava treze anos quando foi composta a "Paz".

(131) Literalmente: "...com Mórico, Teléias, Glaucetes e muitos glutões".

(131-A) Literalmente: "Melâncio". Veja-se a nota 113.

(132) Literalmente: "...e cante uma monodia da 'Medéia': Perdido, estou perdido, pois roubaram-na de mim, deitada em varas!" Trata-se provavelmente de uma paródia da "Medéia de Carcino" (veja-se a nota 111).

(133) Literalmente: "...do corega " o cidadão que assumia o ônus de pagar o coro das comédias. De acordo com o ritual dos sacrifícios, se estes não fossem executados em público as vítimas poderiam ser consumidas por quem as tivesse dedicado aos deuses.

(133-A) Quando a oportunidade dos sacrifícios era aproveitada para práticas divinatórias, os detalhes da cerimônia, inclusive a disposição da lenha para assar a vítima, ficavam a cargo de adivinhos profissionais.

(134) Literalmente: "Stilbades", adivinho que não perdia um sacrifício, interessado em comer a carne das vítimas.

(135) Literalmente: "...de Oréos", pequena cidade da Eubéia.

(136) Nos sacrifícios os presságios eram tirados principalmente da observação dos rins, que não deviam ser tocados.

(137) Bácsis era um adivinho célebre na antiguidade grega.

(138) Aristófanes criou no original um neologismo — "bakízein" (falar de Bácsis) —, que bem ou mal se procurou conservar com esse arranjo baseado em "badalar".

(139) As palavras de Hiérocles, além de bombásticas são propositalmente obscuras, como convinha aos adivinhos.

(140) Aristófanes reúne aqui, e na fala seguinte de Trigeu, versos esparsos da "Ilíada" e da "Odisséia", como se constituíssem um oráculo a justificar a conclusão do tratado de paz.

(141) Sibila em a sacerdotisa que proferia os oráculos, por inspiração dos deuses.

(142) Fórmula usada para dar início aos sacrifícios.

(143) A partir deste ponto, Trigeu repete quase literalmente o palavrório bombástico de Hiérocles, mas contra este.

(144) Literalmente: "...para Elímnion", provavelmente um porto próximo a Oréos, terra natal de Hiérocles. Veja-se a nota 135.

(145) Alimentação usual dos soldados gregos da época.

(146) Literalmente: "...torrar grão-de-bico beijando Tatra" que era nome usual de criadas. O grão-de-bico tinha fama de afrodisíaco.

(147) Literalmente: "Comarquides", que significa "condutor das danças nas festas do campo".

- (148) Literalmente: “Mande Sira gritar chamando Manes”, nomes usuais de escravos.
- (148-A) Literalmente: “...um tordo e dois tentilhões”, pequenas aves.
- (148-B) Literalmente: “Esquinades e Carinades” (ao invés de vizinhos da esquerda e da frente). Os ramos de mirto eram usados para fazer coroas que se punham na cabeça nas ocasiões festivas.
- (148-C) Literalmente: “...de tomilo moído”, planta medicinal usada nas indigestões devidas ao abuso de frutas.
- (149) Literalmente: “...púrpura de Sardes”, cidade da Ásia-Menor famosa por seu luxo.
- (150) Literalmente: “...Kyzikenikôs”, tinta de tonalidade amarela peculiar, proveniente da ilha de Cízico. O medo faria com que o “herói” sujasse a capa de fezes.
- (151) Literalmente: “xutos”, ruço.
- (152) Literalmente: “...viu diante da estátua de Pandora”, lugar em Atenas onde eram afixados os editais de convocação para a guerra.
- (153) Provavelmente uniformes militares.
- (154) Literalmente: “...por cinco dracmas”, moeda grega antiga de alto valor. Pouco acima: “centavo” traduz “kôllybos”, moeda de baixo valor.
- (155) Literalmente: “...de dez minas”, moeda grega antiga.
- (156) Alguns comandantes de barcos de guerra tampavam parte dos buracos por onde passavam os remos para receber e embolsar o soldo correspondente aos remadores não empregados. Daí a alusão de Trigeu.
- (157) Literalmente: “syrmaia”, erva medicinal usada também na Grécia.
- (157-A) Com as asas, os capacetes serviram de taças para vinho.
- (158) Veja-se a nota 45.
- (159) Veja-se as notas 63 e 88.
- (160) Versos do poeta elegíaco e satírico Arquíloco (Século VI a. C.), do qual só nos restam fragmentos) Este citado por Aristófanes constitui parte do número 6 na coletânea de Edmonds, “Elegy and lambus”.
- (161) Sobre Hipérbolo veja-se a nota 90.
- (162) Jogo de palavras com o nome Trigeu, que significa “vinhateiro”.

Notas de O Misanthropo

- (1) A direita de Pã e, portanto, à esquerda dos espectadores.
- (2) Colarges, povoada no sopé do Parnes.
- (3) Literalmente: “...que valem muitos talentos”, moeda grega de alto valor.
- (3-A) Literalmente: “Por Heracles!”
- (4) Como um cavalo ou boi que puxa o arado.
- (5) Literalmente: “Que Poseidon...”, deus do mar dos gregos.
- (6) Literalmente: “correu... uns cinco estádios”, medida grega de extensão de cerca de 200 metros.
- (7) Este trecho apresenta lacunas no original, mas o sentido é claro.
- (8) Perseu era um semideus alado da mitologia grega.
- (9) Perseu possuía um escudo — a Egide — em que havia uma figura horrenda — a Medusa cujo aspecto terrível transformava em estátua de pedra quem a contemplasse.
- (10) O texto deste verso está parcialmente mutilado no original, mas o sentido é o da tradução.
- (11) Este verso também está mutilado no original.
- (12) Literalmente: “dois talentos”. Veja-se a nota 3.
- (13) O original está mutilado neste trecho, mas o sentido é claro.
- (14) Literalmente: “pesa quatro talentos”. O talento, além de unidade monetária, era a maior medida de peso na Grécia antiga.
- (15) Literalmente: “...de Paiania”, povoado mais distante.
- (16) Literalmente: “pêdes”, correntes que os patrões prendiam nos pés dos escravos.
- (17-A) Nesta cena adotamos uma distribuição de falas diferente da seguida pelos editores, que só põem em cena Sicon e Cnêmon. Certas falas de Cnêmon, todavia (por exemplo: Você “de novo?”), fazem pressupor que Getas também estaria em cena. A propósito, no único manuscrito da peça (como em quase todos os outros manuscritos antigos de tragédias e comédias), não há “deixas” e as indicações das falas são incompletas. Os editores modernos suprem essa lacuna, às vezes arbitrariamente, como parece ser o caso

nesta cena.

(17-B) Literalmente: “Vão caçar em File.” Veja-se o início do prólogo.

(18) As palavras que Sóstrato dirige a Pã são marcadas pelo desembaraço com que era tratado esse deus do campo, onde a simplicidade da vida influenciava até as comunicações dos homens com a divindade. Sóstrato ficou tão entusiasmado com a oportunidade, que o sacrifício oferecia, de estreitar suas relações com o futuro cunhado Górgias que fala até em “calor humano”, apesar de Pã ser um deus.

(19) Literalmente: “tomilho e salva”, plantas características dos terrenos áridos e rochosos.

(20) Provérbio significando “ter de lutar sem poder fugir”. Veja-se o “Corpus Paroemiographorum Graecorum” de Leutsch-Schneidewin, vol. 1, página 68.

(21) Aqui há uma lacuna de quatro versos no original. Outros três estão mutilados.

(22) Literalmente: “um Atlas”, o gigante que sustentava o mundo, na mitologia grega.

(23) Aqui faltam cinco versos no original e três outros estão incompletos.

(24) Seguem-se no original cinco versos muito mutilados, mas o sentido é facilmente reconstituível.

(25) Os últimos oito versos estão mutilados no original.

(26) Literalmente: “...de três talentos”. Na fala seguinte de Górgias: “eu tenho um talento para dote da outra noiva”. Veja-se a nota 3.

(27) Há um sentido obsceno na resposta de Sícon. São raras estas tiradas na Comédia Nova, em comparação com a Antiga (principalmente) e com a Intermédia.

(28) Neste ponto há cinco versos muito mutilados no original.

(29) Literalmente: “...o licor das Ninfas”. Um pouco acima: no original, ao invés de “vinho” lê-se “o deus do evoé” ou seja, Baco, deus do vinho.

(30) Objetos usados nas festas do campo.

(30-A) Talvez houvesse aqui um gesto obsceno de Sícon.

CLÁSSICOS DE BOLSO

Grandes clássicos universais de todos os tempos. O melhor do teatro, romance, filosofia, história e poesia.

Textos integrais, tradutores renomados e estudos introdutórios por especialistas. Obras de relevância tanto para estudantes e professores quanto para o grande público.

ARISTÓFANES MENANDRO

A Paz . O Misanthropo

"Menandro e Vida! Qual de vós imita o outro?"

Aristófanes

"As Graças procuravam um altar eterno;
Acharam-no na inteligência de Aristófanes."

Platão

A Paz, composta no auge da guerra do Peloponeso — quando atenienses e lacedemônios se exterminavam numa luta que envolvia todos os povos da Grécia — além de seu alto valor como teatro e poesia, é um documento vivo que traduz com intensidade aquele período.

O Misanthropo é uma narrativa clara, viva e apaxxonante. Os versos da comédia foram compostos em linguagem popular, reproduzindo o modo de falar da gente da época, seus trocadilhos e gracejos. Representada pela primeira vez entre 317 e 315 a.C., em Atenas, a peça esteve perdida durante vários séculos; quando foi descoberta, ressurgiu fresca como se estivesse acabado de ser composta.



9 788500 810275

ISBN 85-00-81027-0

